

## **FAZENDO GRAÇA COM O ESPORTE: JAMES FITZMAURICE, ROBERT RIPLEY E A ARTE DO CARTUNISMO ESPORTIVO EM VANCOUVER (1907-1918)<sup>1</sup>**

Robin Anderson<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo observa a emergência do cartunismo esportivo em jornais impressos no início do século XX por meio de uma comparação entre as imagens paroquiais do cartunista de Vancouver (Colúmbia Britânica) James Fitzmaurice e os cartuns esportivos de Robert Ripley, feitos nos EUA e distribuídos para diversos jornais. O estudo examina as vidas profissionais dos cartunistas esportivos estadunidenses mais conhecidos para, então, focar no trabalho do cartunista do *Vancouver Province*, James B. Fitzmaurice, durante o período pré-guerra, e em como essas imagens foram produzidas a partir de referências locais. Com a chegada, em 1914, da distribuição dos cartuns esportivos de Robert Ripley, da cidade de Nova York, os leitores de Vancouver recebem imagens do “mundo do esporte” que se distinguem dos significados visuais mais ecléticos ligados à experiência local característicos do trabalho de Fitzmaurice. Esse estudo sugere que o contraste entre Fitzmaurice e Ripley marca a diferença entre dois níveis de consumo da cultura esportiva e que a cultura visual agiu como um importante canal para o crescimento de uma consciência esportiva internacional compartilhada.

**Palavras-chave:** Fitzmaurice; Ripley; cartum; Vancouver; esporte.

### **Making Fun of Sport: James Fitzmaurice, Robert Ripley, and the Art of Sport Cartooning in Vancouver, 1907-1918**

**Abstract:** This study looks at the emergence of newspaper sport cartooning in the early twentieth century through a comparison of the parochial images of Vancouver British Columbia cartoonist James Fitzmaurice and the syndicated American sports cartoons of Robert Ripley. The study examines the working lives of the best known American sport cartoonists and then focuses on the work of Vancouver Province staff cartoonist James B. Fitzmaurice during the prewar period and how these images grew out of local experience. With the arrival of the syndicated sports cartoons of New York City cartoonist Robert Ripley in 1914, Vancouver readers are given “world of sport” images that differed from the more eclectic visual meanings tied to local experience that characterized Fitzmaurice’s work. This study suggests that the contrast between Fitzmaurice and Ripley marks the difference between two levels of sport culture consumption and that visual culture acted as an important conduit for the growth of shared international sport consciousness.

**Keywords:** Fitzmaurice; Ripley; cartoon; Vancouver; sport.

---

<sup>1</sup> Tradução inédita em português. Original em inglês publicado no *Journal of Sport History*, vol. 37, n. 3, outono de 2010, p. 365-396. Traduzido com autorização do autor e do *JSH*. Com esta tradução, *Recorde* busca contribuir para a divulgação, em língua portuguesa, de artigos relevantes da produção acadêmica em inglês na área de História do Esporte (Nota do Editor).

<sup>2</sup> Department of History, University of the Fraser Valley, Abbotsford, Canadá, contato: [robin.anderson@ufv.ca](mailto:robin.anderson@ufv.ca).

## **Introdução**

Os cartuns esportivos em jornais impressos foram um dos primeiros produtos midiáticos que transmitiram um conjunto de significados altamente interpretativo, simbólico e condensado em torno do esporte. Na América do Norte, o cartunismo esportivo emergiu com a expansão da cobertura esportiva em revistas mensais nos anos 1880 e em jornais diários nos 1890. No novo século, a maioria dos diários das cidades estadunidenses e canadenses empregava cartunistas, fosse de forma regular ou por contrato, para contribuir com imagens sobre o esporte, junto com os cartuns políticos e as ilustrações de apoio que constituíam o cerne de seu trabalho. Após 1910, e sobretudo durante a Primeira Guerra Mundial, os mais bem-sucedidos entre estes artistas, geralmente baseados no Leste, alcançaram distribuição nacional e até internacional, por meio da emergência de agências; dentre os cartuns distribuídos, alguns dos mais populares eram dedicados a temas esportivos. Por volta do fim da guerra, o cartunista esportivo cujo trabalho era distribuído desempenhava um papel de reflexão e formação na diáspora do esporte profissional de alto rendimento.

Este estudo tenta esboçar os contornos do cartunismo esportivo em jornais impressos olhando especificamente o caso de Vancouver nas duas primeiras décadas do século XX. Ele começa examinando alguns dos padrões gerais de desenvolvimento profissional dos mais famosos cartunistas esportivos estadunidenses. Em seguida, enfoca o trabalho do cartunista James B. Fitzmaurice, do *Vancouver Province*, durante o período pré-guerra e demonstra a natureza paroquial de suas imagens do esporte. O estudo então foca a chegada, em 1914, dos cartuns esportivos de Robert L. Ripley, que contavam com distribuição internacional, sua recepção no período da guerra, e a maneira pela qual essas imagens do “mundo do esporte” se distinguiam dos significados visuais mais ecléticos ligados à experiência local que caracterizavam o trabalho de Fitzmaurice. O contraste entre Fitzmaurice e Ripley marca a diferença entre dois níveis de consumo da cultura esportiva e sugere que a cultura visual agiu como um importante canal para o crescimento de uma consciência esportiva internacional compartilhada.

## **Padrões de desenvolvimento profissional**

O período entre 1890 e o fim da Primeira Guerra Mundial produziu uma geração de cartunistas famosos por sua atuação em jornais diários, muitos dos quais iriam criar imagens sociais e políticas memoráveis. Alguns desenvolveriam histórias em quadrinhos duradouras, reproduzidas em diversos jornais e acompanhadas semanalmente por milhões. Os cartunistas esportivos integravam esse segmento emergente da arte comercial. Uma análise da vida profissional dos cartunistas esportivos mais conhecidos deste período inicial revela diversos

elementos comuns.<sup>3</sup> Por exemplo, raros cartunistas esportivos publicados antes dos anos 1920 desejavam ser cartunistas esportivos; na verdade, a maioria sequer tinha intenção de se tornar cartunista. Não há surpresa alguma nisto, dadas a emergência recente do formato e a ausência de uma tradição ocupacional de cartunismo esportivo. Alguns caíram acidentalmente no ramo devido a circunstâncias trágicas, como foi o caso de “TAD” Dorgan, que, em 1890, aos treze anos de idade, perdeu três dedos da mão direita num acidente numa fábrica. Enquanto se recuperava, aprendeu a desenhar quadrinhos como terapia manual.<sup>4</sup> Outros abraçaram o cartunismo quando a primeira escolha profissional não deu certo. Walter Hoban, por exemplo, começou trabalhando como contínuo no diário novaiorquino *The North American*, na esperança de se tornar um repórter. Sem ambições de tornar-se artista profissional, em 1911 pediram-lhe que desenhasse cartuns para a página de esportes, o que ele fez, vindo a obter grande reconhecimento no jornal e, posteriormente, no *New York Journal*.<sup>5</sup> O sonho de Rube Goldberg de tornar-se engenheiro evaporou quando, desiludido, ele largou seu novo emprego no Departamento de Água e Esgoto de São Francisco para trabalhar como contínuo na editoria de esportes do *San Francisco Chronicle*, em 1904. Pouco depois, Goldberg entregou cartuns esportivos no jornal, e eventualmente combinaria seu conhecimento de tecnologia de engenharia e da arte dos quadrinhos para produzir os chamados cartuns de “Invenções”, imagens de máquinas complicadas e absurdas que o tornaram um nome importante da casa nos anos 1930.<sup>6</sup>

Uma carreira acidental não significava, contudo, desinteresse pelo esporte. Com frequência, os cartunistas esportivos eram atletas que se voltaram para o cartunismo profissional quando as esperanças de uma carreira esportiva chegavam ao fim. Will B. Johnstone, o artista que, nos anos 1920, adaptaria as cartas ficcionais do jogador de beisebol Jack Keefe, criadas por Ring Lardner, para uma série de cartuns distribuída

---

<sup>3</sup> As informações sobre as vidas profissionais de cartunistas esportivos de jornais impressos deste período são pouco documentadas. Contudo, essas vidas podem ser conhecidas montando-se um quebra-cabeças a partir de uma variedade de fontes emergentes *online*, incluindo o compêndio holandês fundamental sobre a história do cartunismo, intitulado *Lambiek Comicipedia* e o sempre crescente blog de pesquisa do incansável historiador e colecionador de cartuns Allan Holtz, conhecido como *Stripper's Guide*. Disponíveis em: <<http://www.lambiek.net>> e <<http://strippersguide.blogspot.com>>. Acesso em 20 nov. 2010.

<sup>4</sup> Tad Dorgan. *Lambiek Comicipedia*. Disponível em: <[http://www.lambiek.net/artists/d/dorgan\\_t.htm](http://www.lambiek.net/artists/d/dorgan_t.htm)>. Acesso em 23 nov. 2010.

<sup>5</sup> Walter C. Hoban. *Lambiek Comicipedia*. Disponível em: <[www.lambiek.net/artists/h/hoban.htm](http://www.lambiek.net/artists/h/hoban.htm)>. Acesso em 23 nov. 2010.

<sup>6</sup> Rube Goldberg. Disponível em: <[www.toonopedia.com/goldberg.htm](http://www.toonopedia.com/goldberg.htm)>. Acesso em 23 nov. 2010. Biografia de Goldberg em: <[www.rubegoldberg.com](http://www.rubegoldberg.com)>. Acesso em 23 nov. 2010. Também é útil a transcrição de uma entrevista de história oral realizada pela Smithsonian com o cartunista em 1970. Cf. Rube Goldberg interview, Archives of American Art, Smithsonian Institution, Washington, D.C., 1970. Disponível em: <[www.aaa.si.edu/collections/oralhistories/transcripts/goldbe70.htm](http://www.aaa.si.edu/collections/oralhistories/transcripts/goldbe70.htm)>. Acesso em 23 nov. 2010.

para jornais intitulada “You Know Me Al” nos anos 1920, foi um notável apanhador de beisebol no ensino médio e na universidade, mas desistiu de suas esperanças atléticas para fazer ilustrações e cartuns esportivos para o *Chicago Interocean* por volta de 1905. Seu biógrafo argumenta que a ideia de Johnstone de desenhar esquemas das jogadas de futebol americano para os leitores de jornal – foi o primeiro a fazê-lo – fora movida por um profundo interesse e conhecimento do jogo.<sup>7</sup> Gene Byrnes, cartunista e ilustrador esportivo do *New York Telegram*, também lançou-se numa trajetória esportiva quando uma contusão na luta greco-romana obrigou-o, tal como ocorrera com “TAD” Dorgan, a passar um longo período hospitalizado. Profeticamente, Byrnes passava o tempo copiando os cartuns esportivos de Dorgan, e posteriormente buscou treinamento formal em artes. Juntando isso com o interesse pelo esporte, conseguiu trabalho num diário novaiorquino.<sup>8</sup> Já Robert Ripley, que se tornaria o cartunista esportivo mais conhecido (e certamente o mais rico) do período, embora houvesse mostrado interesse e habilidade e obtido sucesso no cartunismo desde novo, tinha como verdadeira paixão jogar beisebol e basquete. Ripley perseguiu o sonho de ser arremessador no beisebol semiprofissional até uma contusão tirá-lo da peneira para o New York Giants em 1913 (CONSIDINE, 1961, p. 18-37). Mesmo então, por muitos anos Ripley nutriu esperanças em relação ao beisebol, aceitando convites de dirigentes da liga principal para participar de amistosos e treinos na primavera.

Independentemente do que os levou ao campo, os cartunistas esportivos adentraram um mercado de trabalho bastante aquecido na parte inicial do século XX. A expansão geral das ilustrações nos diários, e, especificamente, a daquelas associadas à crescente cobertura esportiva, abriram grandes oportunidades e um amplo mercado de trabalho para os cartunistas esportivos. Essa fluidez se manifestou em relação ao tempo, ao espaço e ao tema. A maioria dos cartunistas podia ter a expectativa de mudar de empregador e, às vezes, de cidade muitas vezes, particularmente nos primeiros estágios da carreira. Além disso, os artistas de maior sucesso deixavam as margens estreitas do cartunismo esportivo para perseguir ganhos comerciais maiores com cartuns genéricos distribuídos para vários jornais ou histórias em quadrinhos. A maioria dos cartunistas, contudo, entrava e saía do cartunismo esportivo de acordo com suas necessidades de trabalho. A carreira do “cartunista étnico” Harry Hershfield reflete esse contexto de constante mudança.

---

<sup>7</sup> Informações sobre Will B. Johnstone podem ser recolhidas em diversas fontes *online*, a melhor das quais foca o trabalho posterior de Johnstone como um autor de comédia com os Irmão Marx nas décadas de 1920 e 1930. Ver <[www.marx-brothers.org/marxology/willb.htm](http://www.marx-brothers.org/marxology/willb.htm)>. Acesso em 23 nov. 2010.

<sup>8</sup> Byrnes abandonaria o cartunismo esportivo durante a Primeira Guerra Mundial, criando uma tirinha de muito sucesso, “Reg’lar Fellers”, sobre as gozações de um bando de crianças. Posteriormente, Byrnes escreveu uma série de livros didáticos profissionais sobre cartunismo, incluindo *A Complete Guide to Professional Cartooning* (1950). Ver Gene Byrnes. Lambiek Comiclopedia. Disponível em: <[http://lambiek.net/artists/b/byrnes\\_g.htm](http://lambiek.net/artists/b/byrnes_g.htm)>. Acesso em 23 nov. 2010.

Hershfield começou sua carreira por volta de 1900, aos 14 anos – uma indicação da demanda dos jornais por ilustradores – fazendo cartuns esportivos e trabalhos especiais de arte para o *Chicago Daily*.<sup>9</sup> De lá, Hershfield foi trabalhar no *San Francisco Chronicle* (em 1907), no *Chicago Examiner* (em 1909) e no *New York Journal* (em 1910). A produção ocasional de cartuns esportivos encerrou-se com a criação, em 1914, de “Abie the Agent”, que alcançou distribuição nacional, colocando seu trabalho em dezenas de diários pela América do Norte. Claire Briggs também começou a carreira como cartunista esportivo e caricaturista em 1896 no *St. Louis Globe-Democrat*, mas passou para o cartunismo político no jornal rival, *St. Louis Chronicle*, dois anos depois.<sup>10</sup> Em 1900, Briggs já se transferira para Nova York e vendia cartuns, alguns deles com temas esportivos, para o *New York World* (de Joseph Pulitzer) e o *New York Journal* (de William Randolph Hearst). Briggs chamou a atenção de Hearst, que contratou-o como cartunista em seus dois jornais de Chicago, *American* e *Examiner*. Em 1907, Briggs transferiu-se para o *Chicago Tribune*, onde voltou a concentrar-se em cartuns esportivos e produziu uma série memorável sobre golfe, posteriormente publicada em livro (BRIGGS, 1916). Em 1914, Briggs retornou a Nova York e permaneceu no *Herald-Tribune* até morrer.<sup>11</sup>

William Randolph Hearst fez mais do que mudar o endereço de Claire Briggs. Hearst foi uma figura central no crescimento e desenvolvimento do cartunismo esportivo, e muitos jovens artistas do período tiveram uma mão dele em suas carreiras.<sup>12</sup> Isto foi particularmente verdade para o bando de cartunistas talentosos que trabalhavam na cidade natal de Hearst, San Francisco, antes da Primeira Guerra Mundial. Quando Robert Ripley começou no primeiro emprego como cartunista, no *San Francisco Bulletin*, encontrou boas companhias. Seu biógrafo escreve:

[Ripley] era um cartunista esportivo de primeira antes mesmo de terminar a adolescência. Para competir em San Francisco, ele tinha que ser, uma vez que a cidade, nos primeiros anos do século, produzia os adeptos mais talentosos daquela arte no país. Ali estava Thomas A.

<sup>9</sup> Sobre Hershfield, ver Michael Vance. *Suspended Animation*. Disponível em: <[www.scifidimensions.com/Mar02/harryhershfield.htm](http://www.scifidimensions.com/Mar02/harryhershfield.htm)>. Acesso em 23 nov. 2010.

<sup>10</sup> A biografia de Claire Briggs e uma seleção de seus trabalhos encontram-se no site da Smithsonian Institution’s American Art/Portrait Gallery Library Collections, “Drawing from Life”. Disponível em: <[www.sil.si.edu/ondisplay/caricatures/index.htm](http://www.sil.si.edu/ondisplay/caricatures/index.htm)>. Acesso em 23 nov. 2010. Ver também Claire Briggs. *Lambiek Comiclopedia*. Disponível em: <[http://lambiek.net/artists/b/briggs\\_c.htm](http://lambiek.net/artists/b/briggs_c.htm)>. Acesso em 23 nov. 2010.

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Para uma excelente discussão do papel de Hearst e Pulitzer no crescimento das páginas esportivas dos jornais novaiorquinos e a necessidade cada vez maior de ilustrações, caricaturas e cartuns para prender os leitores, ver Oriard (1991, p. 59-85). Para um olhar mais geral sobre o contexto dos jornais de Nova York na virada do século, particularmente a disputa de Pulitzer e Hearst quanto à circulação, ver Turner (1999, p. 98-161).

Dorgan, conhecido por milhões como “TAD”; Rube Goldberg, que posteriormente deixou o esporte em função de “Boob McNutt” e suas invenções malucas e engraçadas; Paul Terry, criador da série de desenhos animados (Terrytoons); Hype Igoe, que alcançou sucesso ainda maior como cronista esportivo; e “Bud” Fisher, que viria a ser o maior de todos, com a tirinha “Mutt and Jeff” (CONSIDINE, 1961, p. 23).

A lista de cartunistas importantes cujos primeiros trabalhos foram produzir imagens do esporte para jornais da *Bay Area*<sup>13</sup> inclui Russ Westover, cuja criação mais conhecida é a tirinha “Tillie the Toiler”, dos anos 1920; Edgar Wheelan, cuja paródia em quadrinhos dos filmes mudos, “Minute Movies”, revolucionou a narrativa dos quadrinhos; James Hatlo, criador da tirinha “They’ll Do It Every Time”, que contava com distribuição e tornou-se popular; e, é claro, Homer Davenport, cuja ascensão para a fama como o cartunista político mais proeminente da época incluiu imagens de temas esportivos. Hearst desenvolveu o hábito de circular pela região de San Francisco em busca de talentos artísticos: ou lhes oferecia emprego em seus jornais do Leste ou encorajava os bons cartunistas a se mudarem para lá, sabendo que em algum momento passariam a fazer parte de sua folha de pagamento. O resultado foi uma peregrinação constante de cartunistas da Califórnia para os grandes diários de Nova York. Homer Davenport foi o pioneiro, nos anos 1890. Nascido no Oregon em 1867, Davenport conseguiu seu primeiro trabalho remunerado cobrindo a luta entre Dempsey e Fitzsimmons em Nova Orleans, em 1891, para um semanário esportivo local, o *Portland Sunday Mercury*.<sup>14</sup> As 21 ilustrações cartunísticas da luta feitas por Davenport ajudaram-no a garantir um emprego no ano seguinte no principal jornal de Hearst, o *Examiner*, de San Francisco. Como a maioria dos cartunistas, Davenport teve idas e vindas quanto a cidades e jornais, mas seu talento particular fez dele um dos preferidos de Hearst, que o convenceu a vir para Nova York para obter maior exposição quando adquiriu o controle do *Evening Journal* em 1895 (ORIARD, 1991, p. 71). No fim dos anos 1890, Davenport era a principal figura no cartoonismo político dos EUA, entrando e saindo do império jornalístico de Hearst e recebendo um salário digno de presidente (US\$ 25 mil por ano). Contudo, sua paixão pelo esporte levou-o a fazer ocasionais cartuns esportivos, particularmente uma série muito popular de caricaturas de protagonistas do beisebol realizada em 1909-1910.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> *Bay Area*: entorno das baías de San Francisco e San Pablo, inclui cidades como San Francisco, Oakland, Palo Alto, Berkeley e San Jose (NE).

<sup>14</sup> Walt Curtis. Homer Davenport: Oregon’s Great Cartoonist. Disponível em: <[www.ochcom.org/davenport](http://www.ochcom.org/davenport)>. Acesso em 23 nov. 2010. Ver também Huot e Powers (1973).

<sup>15</sup> Davenport mantinha relações próximas com o mundo esportivo. Com a piora de sua condição física e mental, em 1909 ele foi viver com Albert Spalding em San Diego. Foi lá que ele desenhou algumas de suas melhores caricaturas esportivas, retratando o

Na verdade, cabe dizer que os cartunistas que “deram certo” em Nova York também o fizeram – pelo poder do lugar e pela distribuição – em todos os outros lugares. Isso certamente é verdade no que diz respeito aos cartunistas esportivos mais lidos, como Thomas Dorgan, Will B. Johnston, Rube Goldberg, Gene Byrnes, Claire Briggs, and Robert Ripley. As imagens desses artistas podiam ser encontradas por todos os Estados Unidos da América e Canadá, e eles certamente estavam presentes no mercado de Vancouver quando da Primeira Guerra Mundial. O sucesso por meio da distribuição, contudo, dependia da amplitude do apelo da imagem, em termos de acessibilidade e de conexão com temas esportivos nacionais e mesmo internacionais. Então, embora todos esses artistas do esporte tivessem inicialmente trabalhado em cima dos entusiasmos paroquiais por eventos e organizações esportivas locais, eles agora enfrentavam, a cada dia, desafios maiores para garantir a publicação. Os cartuns esportivos importados, cujo melhor exemplo, como veremos, são as imagens de Robert Ripley, invariavelmente traziam com eles os significados e valores emergentes dos EUA, que Lorenz (2003) definiu como o “mundo do esporte” (p. 146-7, 154).<sup>16</sup>

Qualquer análise dos cartunistas esportivos mais conhecidos do período e cujo trabalho era distribuído para vários jornais esconde as centenas de outros ilustradores e cartunistas espalhados pelos EUA e Canadá que não obtiveram distribuição nacional e a mesma notoriedade. Para compreender o papel do cartunismo esportivo na construção dos significados do esporte naquele tempo, precisamos analisar também o trabalho destes artistas. Infelizmente, este cenário é difícil de estabelecer devido à ausência de fontes históricas: elaborar um retrato completo da vida vivida por artistas locais constitui um enorme desafio. A análise do cartunista e ilustrador James Fitzmaurice, do *Province*, de Vancouver, contudo, oferece ao menos uma olhadela na cultura esportiva local e no papel das imagens esportivas naquele cenário particular. O foco em uma comunidade também revela o impacto e os significados do esporte trazidos com a chegada dos cartuns distribuídos de Robert Ripley em 1914.

### **Pré-guerra e James Fitzmaurice**

James Brian Fitzmaurice foi o cartunista de jornal mais lido do Oeste canadense antes de 1930. Nascido na Inglaterra em 1875, Fitzmaurice não tivera educação artística formal, nem intenção de ganhar a vida desenhando quando chegou ao Canadá aos 16 anos, em busca de trabalho na região de ranchos que posteriormente se tornaria Alberta

---

desfile de uma parada esportiva. Davenport morreu em 1912 aos 43 anos. Ver Walt Curtis. Homer Davenport: Oregon's Great Cartoonist. Disponível em: <[www.ochcom.org/davenport](http://www.ochcom.org/davenport)>. Acesso em 23 nov. 2010.

<sup>16</sup> Ver também Lorenz (2000).

(ANDERSON, 2008).<sup>17</sup> No inverno de 1900, Fitzmaurice foi para Vancouver para “ficar à toa”, como diria posteriormente, e encontrou trabalho ocasional em madeiras e canteiros de obra. Ele eventualmente passou a circular pela área de teatros da cidade, onde trabalhou intermitentemente por um ou dois anos desenhando cartazes com giz em quadros-negros para vaudevilles do bairro. James Hewitt, editor de esportes do principal diário da cidade, o *Vancouver Province*, notou o trabalho de Fitzmaurice e o jornal contratou-o em tempo integral em janeiro de 1908.<sup>18</sup> Fitzmaurice produziria cerca de 400 cartuns para o jornal ao longo dos dois anos seguintes, após os quais, assim como tantos outros cartunistas que vimos, deixou a cidade em troca de pastagens mais verdes no Leste, neste caso um período no *Montreal Herald* e trabalhos freelance para outros diários em Quebec, Ontario e no Leste dos Estados Unidos. Contudo, ele nunca alcançou a distribuição, por isso voltou para Vancouver e para o *Province* no verão de 1916 para estabelecer-se e iniciar uma década de sucesso local, provincial e regional como cartunista de editoriais antes de morrer, em 1926.

Fitzmaurice, ou “Fitz”, como era conhecido à época, era um típico cartunista e ilustrador polivalente. Isso significa que ele era convocado pelo jornal para fazer diferentes imagens, incluindo: charges políticas na primeira página, que ele desenhava, na média, de três a quatro vezes por semana; uma ilustração descritiva ou cômica para um evento na cidade, como por ocasião da exposição anual de cavalos ou quando a cidade recebia visitantes ilustres, como o presidente dos EUA, Warren G. Harding, que lá esteve em 1923; ilustrações para acompanhar anúncios locais; ou um cartum esportivo para animar a página de esportes. Ao longo de sua carreira, Fitzmaurice produziu cerca de 2.100 cartuns para o jornal, a maioria dos quais (55%) com foco na política nacional ou internacional. Fitz também produziu cartuns (35%) que brincavam com a vida cotidiana, como os conflitos do casamento, questões sazonais como as compras de Natal, as alegrias da jardinagem, ou as surpresas do tempo e da meteorologia. Durante a guerra, Fitzmaurice tornou-se muito conhecido e adorado por suas séries de desenhos apoiando os esforços locais de guerra, particularmente os desafios de produzir alimentos no fundo do quintal e a produção e estocagem de itens. O restante da produção cartunística de Fitzmaurice (10%) abordava temas esportivos

---

<sup>17</sup> Para mais sobre a vida de Fitzmaurice, ver Mr. Democracy Please Step Forward. The Gold Stripe, vol. 2. Vancouver, B.C.: Pacific Printers, [1918-1919], p. 130. Ver também os necrológicos e reminiscências publicados após sua morte nos jornais *Province* e *Sun*, de Vancouver, em 17 de janeiro de 1926.

<sup>18</sup> James Hewitt era irmão de W.A. Hewitt, “czar” da Associação de Hóquei de Ontario e cronista esportivo do *Toronto Star*; e tio da lenda do Hockey Night in Canada, Foster Hewit. James Hewitt começou sua carreira esportiva como boxeador e, como todos os irmãos Hewitt, depois foi trabalhar em jornal. Ele eventualmente se tornou o editor de esporte do *Winnipeg Tribune*, antes de ocupar o mesmo cargo no *Vancouver Province* por volta de 1904. Hewitt deixou o *Province* para trabalhar para o rival *Vancouver Sun* em 1912. Ele alistou-se para lutar na guerra e morreu em ação em Passchendaele em 1917. Ver a autobiografia de W.A. Hewitt (1958, p. 6-7). Ver também Kidd (1996, p. 34).

locais, e a maioria destes foi feita num ritmo razoavelmente estável durante seus dois primeiros anos, 1908-1909, antes de deixar a cidade para tentar a vida no Leste. Como veremos, quando Fitz retornou a Vancouver, em 1916, sua produção de cartuns esportivos – junto com os temas locais e as questões que estes traziam – diminuiu significativamente.

Em 1908, quando Fitzmaurice começou sua carreira em jornais, Vancouver encontrava-se no meio de um período de enorme crescimento econômico e mudança social que durou 15 anos. Fundada em 1886 e ligada no mesmo ano ao resto do Canadá pela Canadian Pacific Railway, Vancouver experimentou enorme crescimento e complexidade social após 1897, quando a cidade se tornou o centro metropolitano de uma economia provincial que se expandia com a extração de recursos naturais, a construção de ferrovias e altos níveis de imigração. Como mostra o historiador Robert McDonald (1996), Vancouver tinha mercados de atacado e varejo, bem como negócios e serviços profissionais, sem contar o excelente porto com grande profundidade, necessário para controlar aquela economia regional (p. 121). A população metropolitana cresceu rapidamente, superando 150.000 às vésperas da Primeira Guerra Mundial, o que ajudou a transformar os ramos de construção civil e imobiliário numa febre especulativa (p. 124-5). McDonald argumenta que o *ethos* especulativo atravessava as linhas de classe – muitos trabalhadores que tinham meios participaram da histeria – e a proliferação de negócios ligados à especulação, como empresas de investimento, corretores imobiliários e de valores, estimulou a febre e um clima de crescimento urbano igualmente hiperbólico. A expansão econômica e a febre de aquisições determinou o crescimento não apenas dos jornais, mas também do seu conteúdo e do número de cartunistas e desenhistas que empregavam. Seguramente mais da metade dos cartuns de Fitzmaurice sobre temas locais – e isto inclui a maioria de suas imagens sobre esporte – eram promoções diretas e acríicas da cidade.

A Vancouver de Fitzmaurice também passava por mudanças sociais no período pré-guerra. A estrutura social da cidade tornou-se mais complexa e isto, combinado com as percepções de status, dividia a população em três grandes agrupamentos: uma elite empresarial e de profissionais liberais; uma classe intermediária de proprietários de pequenos negócios, profissionais liberais e trabalhadores qualificados; e o “setor de imigrantes” dos trabalhadores, composto principalmente de minorias étnicas, trabalhadores temporários e outros desvalidos (MCDONALD, 1996, p. 150). Os cartuns de Fitzmaurice tanto refletiam quanto reforçavam estas divisões sociais e eram desenhados, na maioria das vezes, a partir da perspectiva da classe intermediária. Refletindo o caráter jovem da comunidade, as imagens iniciais eram fortemente coloridas pelo ponto de vista dos recém-chegados. Na verdade, os cartuns produzidos em 1908-1909 podem ser vistos como ferramentas educacionais, feitos para instruir uma população predominantemente recém-chegada sobre como pensar em relação a questões políticas e

sociais – e sobre como pensar sobre esporte.<sup>19</sup>

Os cartuns esportivos de Fitzmaurice eram desenhados a partir da cultura local de atividades e equipes esportivas. Mais importadora que exportadora de formas de recreação, a cultura esportiva de Vancouver às vésperas da Primeira Guerra Mundial incluía a maioria das atividades atléticas encontradas em outros lugares do Canadá e do Noroeste Pacífico. O passado colonial da região, não tão distante, e a presença, desde cedo, da influência de Victoria nas formas esportivas de Vancouver encorajaram o desenvolvimento de críquete, remo, rugby, futebol, tênis e iatismo no fim dos anos 1880 e nos 1890. Práticas esportivas estadunidenses, especialmente beisebol e boxe, haviam chegado à Colúmbia Britânica com a corrida do ouro nos anos 1860 e estabeleceram bases sólidas em Vancouver após sua incorporação em 1886. As corridas de cavalos também atraíram os cidadãos de Vancouver desde cedo, com uma de suas principais ruas comerciais sendo interdita regularmente para a realização de corridas e apostas. O influxo de recém-chegados do leste canadense após 1897 trouxe para a região o lacrosse profissional e amador; e, até a bem-sucedida chegada, em 1910, dos capitalistas e inovadores do hóquei no gelo Frank e Lester Patrick, vindos de Ontario, o beisebol e o lacrosse profissional competiam pela supremacia de público na cidade. Como em todas as cidades novas, em Vancouver os habitantes da classe média e das comunidades adjacentes tinham muito orgulho de suas conquistas esportivas e frequentemente usavam tais feitos para promover a região. Em sua retrospectiva do cenário esportivo de Vancouver no pré-guerra, feita em 1918, o editor de esporte Art Garvey citou três grandes conquistas em particular: a hegemonia do New Westminster “Salmonbellies” no lacrosse profissional, iniciada com a conquista da Minto Cup em 1908; a supremacia do time de beisebol profissional de Vancouver ao ganhar o título da Northwestern League em quatro de nove anos, a partir de 1908; e a conquista da Stanley Cup pelo Vancouver Millionaires em 1915, liderado por Frank Patrick e Fred “Furacão” Taylor, derrotando o Ottawa Senators.<sup>20</sup> Ao mesmo tempo em que os times esportivos profissionais contavam com forte torcida, havia ampla participação individual e coletiva em atividades atléticas e eventos esportivos recreativos. Dois eventos anuais amadores, os Vancouver Police Games e os Scottish Games atraíam considerável público e recebiam bastante cobertura da imprensa, assim como os muitos eventos atléticos realizados no Vancouver Athletic Club, no Recreational Park, no Athletic Park e nas instalações do Stanley Park em Brocton Oval e Brockton Point. O maior atleta amador de Vancouver no período foi Frank McConnel, que ganhou o prêmio de “Melhor Atleta da Colúmbia Britânica” quatro vezes e representou o Canadá nos Jogos Olímpicos de

---

<sup>19</sup> Estudos históricos recentes de ilustrações e cartuns em jornais têm enfatizado o valor destes como ferramentas de educação política devido a seu fácil consumo e à forte retórica visual. Por exemplo, ver Miller (2003).

<sup>20</sup> Art Garvey. “Vancouver Has Cut a Great Figure in Sporting World during Last Twenty Years”. Vancouver Province, 26 mar. 1918, seção 2, p. 1-4.

1912, em Estocolmo.<sup>21</sup>

Os cartuns criados por Fitzmaurice antes da Primeira Guerra Mundial refletiram e reconstruíam sua experiência esportiva em Vancouver através de uma mistura de imagens alegóricas, estereotipadas e realistas. Dos 400 cartuns que Fitzmaurice produziu em 1908-1909, cerca de 70 foram sobre temas esportivos, e a maioria deles apareceu na página de esporte; outras 30 imagens usaram metáforas esportivas como um meio para comentários políticos e econômicos – por exemplo, políticos municipais em atos de campanha eram caricaturados como se estivessem competindo numa maratona. O que confere um elemento comum a estas imagens do esporte é o fato de expressarem uma experiência local. Parte desta experiência era formada pelo caráter jovem de Vancouver e pela falta de tradições esportivas enraizadas numa cidade que recebia de fora sua população, seu capital, sua cultura e, portanto, suas modalidades esportivas. Por exemplo, num cartum de novembro de 1908, Fitz registra a “chegada” de uma nova liga de basquete da YMCA originada de pontos no Leste.<sup>22</sup> Mais tarde, no mesmo inverno, Fitzmaurice e o editor de esporte James Hewitt visitaram o novo “Ten Pin Hall of Bowls”, na rua Pender, para investigar e escrever sobre o “grande jogo *indoor* de boliche”. A tirinha resultante é densa, com referências ao cheiro da camaradagem masculina, a fumaça de charuto, a músculos e obsessão com o aprendizado das regras. Tanto o cartum quanto a reportagem que o acompanhava sugerem que o aprendizado de um novo esporte era reforçado pela familiaridade com os esportes estabelecidos e que os homens praticantes de esporte de Vancouver, embora recém-chegados à cidade, tinham as qualidades especiais necessárias para ser bem-sucedidos. Em “Tinha que Acontecer: a Febre da Maratona Faz Vítimas nesta Cidade” (figura 1, abaixo), Fitz introduz os leitores à “Mania da Maratona” que varreu o país durante a Olimpíada de 1908 e à notoriedade do fundista dos povos originários, Tom Longboat.<sup>23</sup> O promotor esportivo local Harry Duker (assunto da “Puzzle Picture”) organizou diversas corridas de longa distância nos dois anos subsequentes, realizadas dentro dos limites do Recreational Park, de forma a garantir que o público pagasse para assistir. Estes cartuns de Fitzmaurice, que catalogaram a chegada de esportes já estabelecidos ou recém-inventados, invariavelmente celebravam esta chegada e, como na imagem da maratona, faziam graça com os supostos efeitos benéficos das atividades, neste caso maior eficiência dos garotos entregadores e uma ótima desculpa para os homens de classe média ficarem bêbados. Essas imagens também sugerem que os habitantes de Vancouver se orgulhavam muito de adotar as modalidades esportivas que estavam na moda no Leste do Canadá e dos Estados Unidos. Evidentemente, um orgulho ainda maior se manifestava quando participantes locais se

---

<sup>21</sup> Art Garvey. “Vancouver Has Cut a Great Figure in Sporting World during Last Twenty Years”. Vancouver Province, 26 mar. 1918, seção 2, p. 1-4.

<sup>22</sup> J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 4 nov. 1908, seção 2, p. 1.

<sup>23</sup> J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 13 fev. 1909, seção 2, p. 1.

apropriavam das modalidades recebidas e conquistavam vitórias.



Figura 1: J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 13 fev. 1909, seção 2, p. 1.

Os cartuns de Fitzmaurice capturaram uma grande variedade de atividades esportivas desfrutadas pela população de Vancouver e, assim, adotavam uma definição ampla do que constituía esporte. Foram comuns imagens de dias esportivos étnicos ou vocacionais, como o Dia do Esporte Escocês, celebrado anualmente, quando Fitz usou previsíveis estereótipos das Highlands para fazer caricaturas dos principais líderes da comunidade escocesa.<sup>24</sup> Outro foi o Dia dos Esportes da Polícia, anual, realizado no Recreation Park, que atraiu um público particularmente grande em julho de 1908.<sup>25</sup> Acompanhando as crescentes preocupações militares às vésperas da Primeira Guerra Mundial, as imagens de Fitzmaurice também incluíam atividades de treinamento militar – como a “Reprodução da Batalha” entre os “bôeres e os britânicos” na primavera de 1908 – na página de esportes. A tarefa de Fitzmaurice nestes cartuns era apoiar os participantes locais com caricaturas cômicas, e as imagens tinham o efeito de associar os esportes à experiência local acessível aos leitores. Pouco após entrar para o jornal, Fitzmaurice começou uma série sobre “Eventos esportivos da semana”. Publicada na página de esportes, a série chegou a incluir até oito vinhetas em formato de cartum, cada uma trazendo uma imagem reduzida de uma atividade esportiva local. Esses cartuns incluíram eventos tão diversos quanto um torneio de hóquei feminino, as Hunting Dog Field Trials (no outono), a Corrida de Barcos a Motor Vancouver-Seattle (no meio do verão), e a campanha de New Westminster pela Minto Cup. Essas imagens tendiam a nivelar as práticas esportivas para os leitores, sugerindo que a corrida de uma milha para garotos nos jogos do Dia da Victoria era tão importante quanto a disputa de beisebol profissional da Northwestern League (NWL), com partidas pela cidade entre o time local Beavers e o Butte Miners.

Embora os cartuns esportivos de Fitzmaurice frequentemente caricaturassem personalidades esportivas locais, eles raramente

<sup>24</sup> J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 10 ago. 1908, seção 1, p. 1.

<sup>25</sup> J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 22 jul. 1908, seção. 2, p. 2.

glorificavam os indivíduos apresentando-os como figuras extraordinárias. Mesmo as imagens de astros locais do beisebol e do lacrosse feitas por Fitz brincavam com seus atributos físicos, em vez de alçá-los à condição de representantes veneráveis de suas modalidades ou da comunidade local. Em “Beisebol de Vancouver preparando-se para a temporada”, por exemplo, caricaturava o 1,91m de altura do arremessador “Magrão” Dell, estrela do Beavers;<sup>26</sup> em um cartum com vários quadros publicado durante a mesma temporada, desenhado quando o time disputava o título da Northwestern League, os exímios rebatedores do Beaver, Pat Flannigan e Ham Hyatt, o arremessador veterano Joe Sugden e o primeira base Lou Nordyke, junto com o dirigente Dickson e Harry Ducker, são caricaturados de forma predominantemente cômica.<sup>27</sup> A maioria dos cartuns de Fitzmaurice sobre esportes coletivos com presença de público, na verdade, tinham foco nos torcedores locais, e não nos jogadores. Em “Quando a Minto Cup veio para casa”, de forma típica, o interesse de Fitz reside na reação dos torcedores locais, que são desenhados em detalhe em primeiro plano, enquanto o time campeão de lacrosse é reduzido a uma referência estereotipada no fundo. A reação dos torcedores locais foi o tema central de vários cartuns. Em “Tempos difíceis para os pessimistas”, Fitzmaurice apresenta um conjunto de homens tentando entabular conversas na esquina a respeito de questões públicas, apenas para ver o rumo da conversa mudar para o sucesso do time de beisebol local.<sup>28</sup> Seu foco nos torcedores reforçava a perspectiva local dos cartuns: ao elaborar as imagens a partir do ponto de vista dos torcedores locais, Fitzmaurice construiu uma experiência de integração com os esportes que conectou a população com os jogadores. Sob esse tratamento, era difícil existirem estrelas no esporte de alto rendimento.

---

<sup>26</sup> J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 4 abr. 1908, seção 2, p. 1.

<sup>27</sup> J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 8 ago. 1908, seção 2, p. 1.

<sup>28</sup> J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 1 mai. 1909, seção 2, p. 1.



Figura 2: J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 22 jul. 1908, seção 1, p. 1.

Quando Fitzmaurice não estava caricaturando o esporte com exageros ou imagens baseadas em estereótipos, ele usou figuras ou símbolos alegóricos para representar determinadas equipes, as comunidades locais ou nacionais que elas representavam, ou questões polêmicas em torno do esporte. Na maioria destes casos, as escolhas alegóricas de Fitzmaurice refletiam as experiências culturais dos habitantes de Vancouver. Alguns acontecimentos esportivos, como a hegemonia de New Westminster no lacrosse, facilitavam elas próprias o tratamento alegórico. Em julho de 1908, no cartum “Os Shamrocks começaram a correr” (figura 2, página anterior), o time de New Westminster – o Salmonbellies – é mostrado como um pescador do rio Fraser puxando a rede: ele pescara o clube de lacrosse Montreal Shamrock.<sup>29</sup> No mesmo mês, após o time conquistar a Minto Cup derrotando o Montreal Shamrocks, Fitzmaurice produziu a memorável “Jovem Lochinvar foi embora para o Oeste”, uma imagem que usava como referência o popular poema de Sir Walter Scott, sobre a intervenção armada de um cavaleiro escocês no casamento de uma amada – alegoricamente mostrada como o “Campeonato Mundial” – e o ato de

<sup>29</sup> J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 22 jul. 1908, seção 1, p. 1.

roubá-la do castelo do Montreal Shamrock, ao fundo.<sup>30</sup> A ascendência anglo-canadense da maioria dos membros da classe média de Vancouver contribuiu para o uso de tais referências culturais. Fitz, mais uma vez, baseou-se em símbolos britânicos ancestrais quando desenhou o cartum sobre a Minto Cup no ano seguinte, “Impressões da Minto Cup”; aqui o time de lacrosse de Toronto precisa crusar uma série de fossos e cavaleiros-jogadores de lacrosse que bloqueiam o caminho para o castelo de New Westminster, onde mora a copa.<sup>31</sup> New Westminster ganharia sua segunda Minto Cup na trajetória para conquistar cinco campeonatos de lacrosse em seis anos.

O tratamento das questões esportivas candentes do dia por Fitzmaurice também empregava símbolos repletos de significados para os leitores de Vancouver, com o intuito de expressar posições locais a respeito de tais questões. Imagens em torno do debate sobre amadorismo e profissionalismo são um bom exemplo. Como Don Morrow e Kevin B. Wamsley (2005) mostram muito bem em uma recente síntese da batalha atlética no Canadá, a luta pelo controle do esporte por diferentes agentes do amadorismo – liderada principalmente pela estrita União Atlética Amadora Canadense (CAAU) e pela mais conciliadora Associação Atlética Amadora de Montreal – vinha sendo travada desde os anos 1890 e atingiu o ápice entre 1906 e 1909 (p. 70-87).<sup>32</sup> Enquanto as preocupações com o crescente profissionalismo voltavam-se para alguns esportes, incluindo a popularidade cada vez maior do hóquei no gelo profissional no Centro e Leste do Canadá e a crise a respeito do *status* dúbio de amador de Tom Longboat para os Jogos Olímpicos de 1908, em Londres, a situação do lacrosse permaneceu a principal preocupação dos reformadores nas décadas de 1890 e 1900. Na região de Vancouver, essas tendências amadoras de reforma eram relativamente fracas, devido a algumas razões. Uma era o alcance institucional da CAAU não ser muito forte a oeste dos Grandes Lagos. Ademais, os imigrantes recentes do leste canadense, dos EUA e da Grã-Bretanha que escolheram vir para o sul da Colúmbia Britânica eram, em alguma medida, liberais selecionados do ponto de vista econômico, que viam a atividade comercial e de mercado como um canal apropriado para práticas culturais como o esporte. Times profissionais vitoriosos, como as equipes de lacrosse de Vancouver e New Westminster, foram embaladas com os esforços para promover a região fronteira, e raras foram as vozes dissonantes. O que provocava divergências entre os comentaristas esportivos de Vancouver eram as enganações: não importava se um esporte, liga, equipe ou indivíduo era amador ou totalmente profissional, mas sim a honestidade das intenções. Fitz captura esta posição em sua crítica do falso sistema de remuneração posto em prática devido à pressão das associações amadoras, intitulada

---

<sup>30</sup> J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 29 jul. 1908, seção 1, p. 1.

<sup>31</sup> J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 26 jun. 1909, seção 2, p. 1.

<sup>32</sup> Para mais discussões sobre o crescimento e composição do movimento pelo amadorismo no Canadá, ver Lansley (1971).

“O que deve ser – o amador (?) ou o profissional (?)” (figura 3, abaixo).<sup>33</sup> No primeiro quadro, o jogador “profissional” de lacrosse conduz uma relação profissional sob um cartaz que indica a moralmente limpa “porta da frente”, enquanto o segundo ridiculariza a falsidade imposta pelo sistema amador, com os dirigentes da equipe e os atletas em frente à “porta dos fundos” encenando o teatro do “amadorismo marrom”. Fitzmaurice posteriormente produziu uma sequência, com “O problema candente do dia” (figura 4, página seguinte), onde a alegórica “Situação do Lacrosse” é criticada pelo “Público que Ama o Lacrosse”, que exige que se tome de uma vez por todas uma decisão quanto ao profissionalismo.<sup>34</sup> Não por acaso, o torcedor alegórico está oferecendo o casaco do “profissionalismo explícito” – Fitzmaurice sempre apoiou o lacrosse profissional – e a equivalência entre profissionalismo aberto e respeitabilidade esportiva é colocada para o leitor.

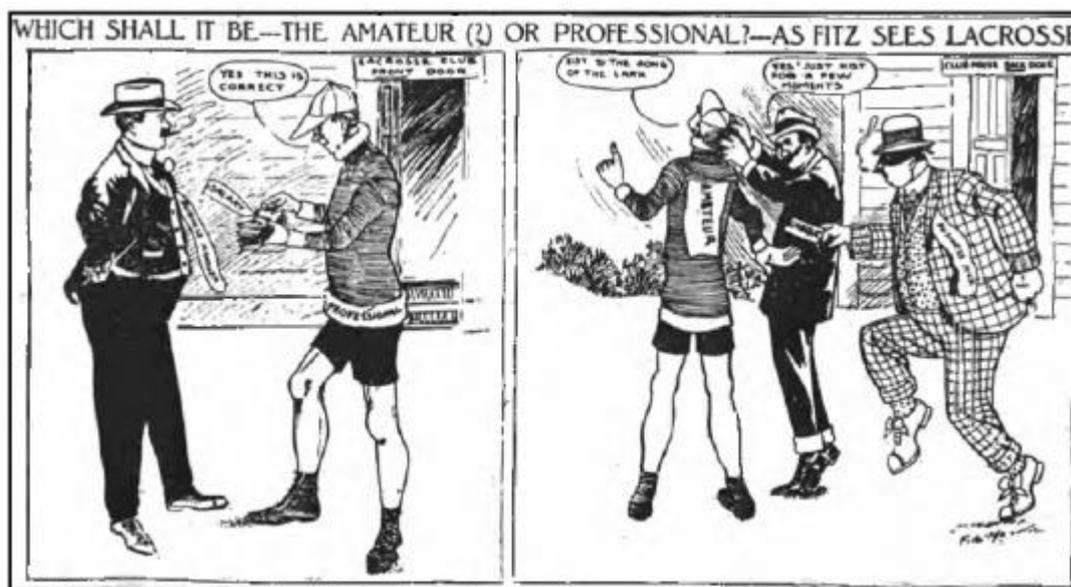


Figura 3: J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 27 fev. 1909, seção 2, p. 1.

<sup>33</sup> J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 27 fev. 1909, seção 2, p. 1.

<sup>34</sup> J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 13 mai. 1909, seção 1, p. 1.



Figura 4: J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 13 mai. 1909, seção 1, p. 1.

Enquanto a reforma do esporte estivesse, em alguma medida, paralisada em Vancouver, havia limites para as atividades esportivas profissionais, de acordo com comentaristas esportivos locais como Fitzmaurice. Por exemplo, a observância da recente lei federal do Dia do Senhor (1906), restringindo atividades comerciais, inclusive esportes profissionais, nos domingos, foi em geral apoiada pelos cronistas esportivos dos jornais (SCHRODT, 1977). Em “Um estrangeiro indesejado” (figura 5, próxima página), Fitz apresenta o governador conservador da Colúmbia Britânica, Richard McBride, como um inspetor da alfândega barrando a entrada da figura alegórica do “Beisebol de Domingo”, entendido aqui como uma contaminação proveniente dos

EUA.<sup>35</sup> A legislação federal permitia aos governos provinciais vetar o cumprimento de aspectos da lei ou “ficar de fora” da legislação como um todo (SCHRODT, 1977, p. 24-5). Isso permitiu que “Um estrangeiro indesejado” atingisse dois objetivos políticos através da composição de sua retórica visual: apoiar as restrições aparentemente consensuais quanto ao esporte profissional e outras atividades recreativas comerciais na província, e dar apoio ao governo conservador provincial – que o jornal sustentava – e não ao odiado governo federal liberal de Wilfrid Laurier, do qual a legislação proveio. Tamanha utilidade política alçou o cartum à capa do *Province*.



Figura 5: J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 29 mar. 1909, seção 1, p. 4.

Raça e diferenças raciais foram elementos poderosos dentro das imagens do esporte de Fitzmaurice, as quais foram feitas a partir de – e certamente encorajadas por – atitudes e experiências locais. Os cartuns políticos de Fitzmaurice costumam ser recordados por suas imagens fortemente racistas, particularmente aqueles que comentam o medo da imigração asiática e os protestos quando dos conflitos raciais de Vancouver em 1907 (ROY, 1989). O trabalho do historiador Kay Anderson é útil ao articular a construção ideológica da raça no século XIX com as imagens racializadas produzidas por Fitzmaurice. Anderson identifica a “ideia de raça” na província e em outras partes do Império Britânico, que dividia as pessoas de acordo com “cor da pele, idioma, local de nascimento e práticas culturais” em uma rígida divisão de quem eram “os de dentro” e “os de fora” (ANDERSON, 1991, p. 18). Imigrantes chineses, por exemplo, “estavam, de certa forma, irremediavelmente fora do conjunto elegível de cidadãos a partir do momento em que entravam na província [...] eram fundamental e constitucionalmente ‘diferentes’

<sup>35</sup> J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 29 mar. 1909, seção 1, p. 4.

daqueles imigrantes para os quais a Colúmbia Britânica automaticamente tornava-se lar” (ANDERSON, 1991, p. 37). O processo de racialização que excluiu os não-brancos da cidadania em cidades de colonos era auto-referencial e, ironicamente, útil na construção de uma nova comunidade branca na Colúmbia Britânica. Utilizando o trabalho do crítico cultural pós-colonial Edward Said a respeito do Orientalismo e da representação, podemos ver como os europeus construíram os “outros” como reflexos opostos dos ideais europeus (ANDERSON, 1991, p. 39). Essas construções binárias de raça foram úteis na Colúmbia Britânica para “cimentar o sentimento coletivo de fazer parte de um grupo, em parte porque ele permitiu aos políticos concentrarem numa ‘ideia oposta’ tudo que fosse considerado conflitante com a construção de uma comunidade ideal” (ANDERSON, 1991, p. 46).



Figura 6: J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 14 jul. 1908, seção 2, p. 1.

O uso de imagens de povos originários por Fitzmaurice como

estereótipos e alegorias demonstra como os cartuns esportivos deram apoio a noções raciais hegemônicas, as quais eram particularmente depreciativas dos aborígenes. Esses tipos de retrato negativo não se restringem, é claro, à Colúmbia Britânica. Em sua cuidadosa análise dos cartuns políticos dos EUA no século XIX, Roger Fischer (1996) argumenta que as caricaturas de povos nativos americanos se deterioraram de retratos simpáticos de “bons selvagens” em meados do século para “ora bárbaros sedentos por sangue, ora degenerados imundos vivendo em reservas” (p. 104). Por volta do fim do século, escreve Fischer, “a composição estereotípica do índio americano nos cartuns como burro, bêbado, sujo e degenerado era notavelmente depreciativa, mesmo em comparação com caricaturas de outros grupos minoritários de malogrado destino” (FISCHER, 1996, p. 111). Fitzmaurice raramente usou imagens de povos nativos em seus cartuns políticos de primeira página; mas a página de esportes era diferente. O rival de Vancouver no beisebol profissional, o Spokane Indians, era sempre ilustrado alegoricamente sob estereótipos racistas, realizando atos degradantes ou ridículos. Em um dos quadros de um cartum de “Eventos Esportivos da Semana”, em agosto de 1908, Fitzmaurice desenha o dirigente de beisebol de Vancouver, Dickson, erguendo-se e segurando uma haste com a bandeira do título da NWL no topo, enquanto supervisiona o trabalho do “Spokane Indian” com uma pá; embaixo, lê-se: “Vancouver viola a legislação sobre o trabalho de estrangeiros”.<sup>36</sup> Novamente, o cartum combina esporte e assuntos públicos de maneira a dialogar com debates locais recentes sobre a importação dos chamados trabalhadores “estrangeiros”. Contudo, as ironias da imagem são poderosas, levando-se em consideração que todos os membros do time de beisebol Vancouver Beaver, incluindo o dirigente Dickson, eram cidadãos dos EUA, ao passo que o Spokane Indian tinha, como a maioria dos grupos aborígenes da região, vínculos tradicionais fortes que borravam a fronteira artificial EUA-Canadá. À medida que a corrida pelo título da NWL esquentou, Fitzmaurice colocou o Spokane Indian em situações cômicas com outras figuras alegóricas de times, particularmente os “Tigres” de Tacoma e os “Gatos Pretos” de Aberdeen. O resultado foi uma série de cartuns estilo vaudeville com o Spokane Indian preso numa corrida depreciativa sem fim com – e geralmente vítima de – animais representando os outros times. Em “Parece que algo vai cair” (figura 6, página anterior), Fitzmaurice comenta o esforço do time de Vancouver para tirar o Spokane do primeiro lugar.<sup>37</sup> Neste cartum, e em todos os similares, o aborígine está impotente face à inevitável derrota; os animais em cena, mesmo os das cidades rivais, são retratados com mais desejo, força e potencial, e certamente com mais dignidade. Na última série, “Agora parece que os Beavers vão ganhar de zero”, o Aberdeen Black Cat e o Tacoma Tiger são incapazes de firmar-se na perseguição *cross-country* do líder da corrida,

<sup>36</sup> J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 15 ago. 1908, seção 2, p. 1.

<sup>37</sup> J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 14 jul. 1908, seção 2, p. 1.

Vancouver Beaver, por causa do cadáver inerte do Spokane Indian rolando sob seus pés.<sup>38</sup> A competição esportiva entre rivais regionais, quando articulada com a competição econômica mais ampla, só fez estimular e abrir oportunidades para a prática de denegrir por meio de tais imagens alegóricas. Esses cartuns esportivos têm alguma semelhança com as peças de propaganda de Fitzmaurice no período de guerra, na medida em que enobreciam o lado de casa e vilipendiavam o inimigo de maneiras extremas, por meio de séries de personagens e situações alegóricas que baseavam-se em preconceitos e posturas convencionais.

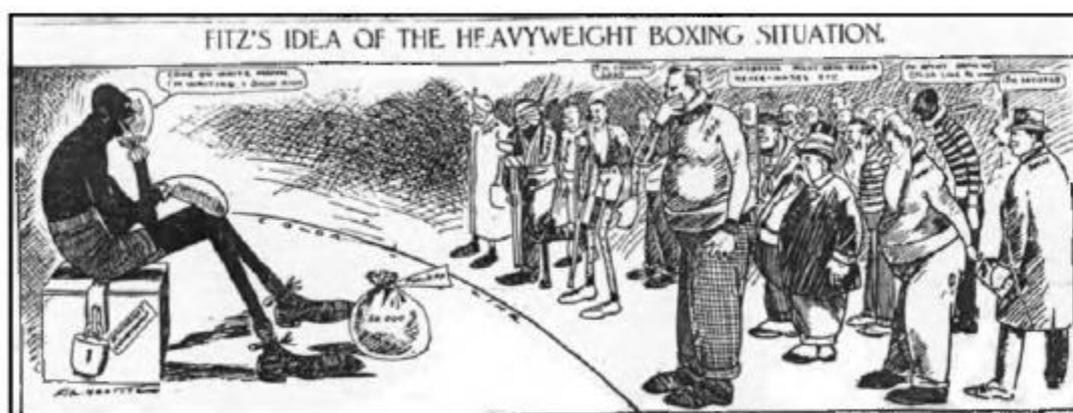


Figura 7: J. B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 23 jan. 1908.

Raça, esporte e posturas locais se juntam nas imagens que Fitzmaurice produziu para a visita do recém-coroadado campeão peso-pesado de boxe dos EUA, Jack Johnson, à cidade, em março de 1909. Em 1908, os afro-americanos haviam se tornado um parâmetro engajado para medir o racismo tanto nos EUA quanto no Canadá, ao provocar corajosamente leis e práticas racistas, para ódio dos brancos e profunda preocupação de líderes etapistas negros como Booker T. Washington.<sup>39</sup> Johnson tomou o título de peso-pesado do canadense Tommy Burns em Sydney (Austrália), no Dia do Boxe, em 1908, quebrando a “linha de cor” mantida de forma ambígua por campeões brancos antes de Burns. A maneira como o cartum de Fitzmaurice mostra Johnson na “Situação do Boxe Peso-Pesado” (figura 7, acima), desenhada pouco depois do extraordinário evento, é típica do que o historiador William Wiggins chamou de “beijudo, dentes sorridentes, pra frente, como uma máscara limpa-trilho” e é um exemplo raro de uma imagem de Fitzmaurice sobre

<sup>38</sup> J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 25 ago. 1908, seção 2, p. 2.

<sup>39</sup> Nos últimos anos, houve um fluxo de trabalhos sobre a vida e o significado histórico de Jack Johnson, incluindo a biografia de Geoffrey C. Ward (2005), o documentário homônimo da PBS produzido por Ward e Ken Burns, e o site do filme: <<http://www.pbs.org/unforgivableblackness>>. Disponível em 23 nov. 2010. Ver também Roberts (1983).

um tema esportivo internacional.<sup>40</sup> No cartum, um Johnson espichado, preto como alcatrão, está sentado no “Cinturão dos Pesos-Pesados” atrás da “linha de cor”, enquanto provoca desafiantes brancos (à exceção do boxeador negro canadense Sam Langford) etiquetados como “já foram, poderiam ter sido, nunca foram etc.” a cruzar a divisão racial. Numa rendição ao que Wiggins denomina o estereotipado “dialetto das canções *coon*”,<sup>41</sup> o campeão negro provoca: “Vamos, homem branco. Estou esperando, tô mesmo.” O campeão branco aposentado e invicto Jim Jeffries, considerado então a melhor esperança branca que poderia encarar Johnson na “luta do século”, em Reno, em 1910, é apresentado ponderando a oferta.<sup>42</sup> As imagens de Johnson feitas por Fitzmaurice contribuíram para a permanência do estereótipo do negro, ao sempre mostrar o lutador em posturas preguiçosas e reclinadas, como faz este cartum.

Após o triunfo de Sydney, Johnson escolheu viajar de volta para a América do Norte pelo porto de Victoria, onde ele e sua acompanhante branca Hattie McClay foram proibidos de acomodar-se em diversos hotéis, até serem aceitos num “pulgueiro barato, de dois-dólares-por-noite” (ROBERTS, 2003, p. 70). Johnson então prosseguiu para Vancouver, onde o novo campeão foi cercado por repórteres locais e de fora que buscavam extrair boas notícias a partir de tal controversa figura. Geoffrey C. Ward, biógrafo de Johnson, descreve a cena:

Enquanto caminhava pela prancha, usando um longo casaco de pele, sorrindo e acenando para centenas de canadenses que haviam vindo para vê-lo desembarcar, um punhado de repórteres o aguardava no cais. Alguns eram cronistas esportivos, mas a maioria havia simplesmente sido designada para cobrir a chegada de uma celebridade preta, um fenômeno que nunca haviam visto antes (WARD, 2005, p. 137).

A visita de três dias de Johnson a Vancouver foi um capítulo importante na história do esporte na cidade, e os acontecimentos – raramente relatados por biógrafos de Johnson ou historiadores locais, mas lembrados por repórteres esportivos locais e por Fitzmaurice – formam um quadro interessante do “mundo do esporte” emergente e de seu impacto numa comunidade esportiva local um tanto confusa em relação a como lidar com um atleta de cor célebre.

Os entusiastas do esporte da cidade pareciam bem preparados quando Johnson encontrou os repórteres nas docas de Vancouver. O Vancouver Athletic Club (VAC) recebera com três semanas de antecedência a notícia de que o campeão passaria pela cidade a caminho

---

<sup>40</sup> J. B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 23 jan. 1908; Wiggins Jr. (1988).

<sup>41</sup> Músicas de conteúdo depreciativo da população negra, populares nos EUA e no mundo anglófono, especialmente entre as décadas de 1880 e 1920 (NE).

<sup>42</sup> Sobre a “luta do século” em Reno, ver Roberts (2003).

de Chicago, e a imprensa local destacou como isso colocaria a cidade no “mapa do esporte”, especialmente se Johnson realizasse uma “exibição de punhos” para os fãs locais da “nobre arte”. Com pouco dinheiro e o desejo de ganhar uma fama mais positiva do que a que tivera na Austrália, Johnson concordou. O novo campeão desejava que a luta fosse puramente uma exibição para fazer dinheiro, no estilo das aparições de vaudeville que ele havia feito por muitos anos. Com embaraço, o VAC ressaltou a natureza não-oficial do evento, de forma a proteger seu código de amadorismo, ignorando o fato de que Johnson lucraria com a exibição: “Pode-se compreender muito bem”, escreveu o editor de esportes do *Vancouver World*, “que a aparição de Johnson não terá de forma alguma a natureza de uma ‘luta’. Não faz parte da política do VAC sediar lutas profissionais”.<sup>43</sup> Johnson enfrentaria um de seus antigos rivais do circuito negro de boxe, “Denver” Ed Martin; contudo, Martin e vários companheiros de viagem foram presos pouco após seu barco chegar de Seattle e mantidos na delegacia policial, acusados de roubar jóias e dinheiro dos passageiros. Solto, Martin retornou ao porto para dar as boas-vindas a Johnson e sua *entourage*, mas o incidente provavelmente encorajou o agora desanimado Martin a retirar-se da luta de exibição – ele retornou a Seattle no dia seguinte. Para substituí-lo, os organizadores do VAC rapidamente trouxeram o peso-pesado Victor McLaglen, que vinha participando de lutas no estado de Washington. No dia da luta, McLaglen, claramente inferior, levou socos de Johnson por seis assaltos e tornou-se o primeiro de uma longa lista de grandes esperanças brancas derrotadas.

A imprensa de Vancouver apresentou uma resposta ambígua à visita de Johnson. Os repórteres mostraram-se muito excitados e impressionados em relação a Johnson e seu status internacional, mas também lançaram mão de um série de velhos estereótipos e noções raciais sobre afro-americanos. Quando cerca de 300 membros da comunidade negra de Vancouver “apareceram do nada” para saudar a chegada de seu herói, os repórteres ficaram genuinamente surpresos com seu número, sugerindo que eles haviam vindo de fora da cidade. Um repórter do *Vancouver World* escreveu:

Quem não seria um “chamado cavalheiro” em Vancouver hoje em dia? Nas últimas semanas, carregadores dos trens têm comprado os lugares de colegas, enquanto outros foram repentina e misteriosamente atacados com doenças que os impediram de tomar os trens com destino a Montreal. Cavalheiros escuros de todas as partes do país entraram de férias e aqueles cujos bolsos e ocupações permitem o lazer juntaram-se à invasão.<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> *Vancouver World*, 6 mar. 1909, seção B, p. 1.

<sup>44</sup> *Vancouver World*, 9 mar. 1909, seção B, p. 1.



J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 13 mar. 1909, seção 2, p. 1.

À medida que a visita se desenrolava, a imprensa divertia-se gozando a aparência e as características de Johnson e de sua *entourage*, particularmente o gosto do boxeador por roupas extravagantes e “hábitos civilizados”. Em “Incidentes da visita de Jack Johnson a Vancouver” (figura 8, acima), por ocasião da visita da celebridade à redação do *Province*, Fitzmaurice faz humor baseando-se diretamente na incongruência raça-civilização.<sup>45</sup> Mostrado sentado, cercado de gente, Johnson e seus seguidores são desenhados como “bacanas” da cidade, caracterização que normalmente Fitzmaurice reservava para vilipendiar políticos da oposição como bufões ostentadores e distantes do público que queriam enganar. Aqui a mensagem desejada é parecida. Sem compreender os caminhos da verdadeira respeitabilidade, os afro-americanos adotam uma postura inapropriada, tornada possível apenas pelo advento da cultura comercial; no mundo alegórico de Fitzmaurice, o desnível entre a personalidade real de uma pessoa e sua aparência enganosamente ostentadora era uma ferramenta comum de retórica visual, e aqui a caracterização estereotipada do lutador negro justapõe-se às armadilhas da incompreensão do que seja um comportamento civilizado.

A depreciação racial realçada no cartum de Fitzmaurice reforçava uma crítica mais geral que a imprensa esportiva local dirigiu ao “mundo do esporte” ao longo da visita de Jack Johnson a Vancouver. No dia da luta, repórteres observaram pasmos quando uma companhia cinematográfica de Seattle contratada por Johnson fez com que ele e seus seguidores repetissem para as câmeras a chegada ao porto de Vancouver, a apresentação às autoridades da cidade e a visita ao Stanley Park.<sup>46</sup> No Stanley Park, os produtores do filme inventaram um treino para as câmeras, que incluiu várias corridas coreografadas contra corredores locais – todas facilmente vencidas por Johnson –, uma corrida de cavalos

<sup>45</sup> J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 13 mar. 1909, seção 2, p. 1.

<sup>46</sup> Vancouver World, 11 mar. 1909, seção B, p. 1.

à beira-mar e a encenação de um treino com um ator local passando-se por McLaglen. Os repórteres locais nunca haviam visto a produção de um filme, ou tal nível de promoção do esporte profissional, e rapidamente condenaram o campeão, tanto por seu desejo de notoriedade quanto por sua avidez por dinheiro. “Desde que Johnson vendeu sua parte no filme sobre a luta Burns-Johnson por ‘miseros US\$ 500’”, escreveu o *World*, “ele arrependeu-se do ato e gostaria de ter uma série de filmes próprios para usar junto com sua turnê de vaudeville. Seu desejo foi atendido ontem.”<sup>47</sup> Repórteres de Vancouver também se divertiram quando a luta de verdade, contra o verdadeiro McLaglen, foi interrompida várias vezes pelos produtores de cinema de Johnson, que estavam gravando o evento para posterior uso pelo boxeador. O cartum “O ponto de vista de Fitz sobre o campeão Jack Johnson” mostra a luta de exibição como o evento promocional que deveria ser, completado com o campeão posando para a câmera com traje elegante, antes da luta, e preguiçosamente encostado nas cordas “entre os atos”.<sup>48</sup> No final, Fitz e a imprensa esportiva de Vancouver pareceram surpresos e desapontados com o grau de invenção vaudevillesca que caracterizou a visita de Johnson à cidade.

A visita de Jack Johnson trouxe Vancouver para o “mundo do esporte”. Com a partida dele, a cidade retornou à sua cultura esportiva paroquial, uma experiência local que os cartuns de Fitzmaurice continuaram a refletir e celebrar. No início de 1910, contudo, Fitzmaurice deixou Vancouver para buscar oportunidades profissionais de distribuição no Leste, o que incluiu trabalhar no *Montreal Herald* e em outros diários do Canadá e dos Estados Unidos.

O *Vancouver Province* nunca substituiu Fitzmaurice. Em vez disso, optou por comprar cartuns avulsos tanto de amadores locais quando de agências de distribuição, como fora hábito dos outros diários da cidade. Por sua vez, as páginas de esporte do *Province* substituíram a dieta estável de cartuns de Fitzmaurice por fotografias de estrelas do esporte, uma prática que incrementou o caráter não-local e majoritariamente estadunidense do conteúdo da seção. Por volta de meados de 1911, todavia, fotografias de personalidades esportivas locais apareciam regularmente em todos os diários da cidade, criando uma combinação razoavelmente equilibrada de reportagens sobre o “mundo do esporte” e locais. Se não houvesse a intervenção da guerra, em 1914, esse padrão provavelmente teria prosseguido. Ironicamente, a Primeira Guerra Mundial influenciou os contornos do esporte e do cartunismo esportivo de uma maneira bastante complexa, e acabou por pavimentar o caminho para o domínio tanto da reportagem sobre os esportes profissionais americanos quanto dos cartuns esportivos distribuídos a partir dos EUA.

## O período da guerra e Robert Ripley

<sup>47</sup> Vancouver World, 11 March 1909, seção B, p. 1.

<sup>48</sup> J.B. Fitzmaurice. Vancouver Province, 11 mar. 1909, seção 2, p. 2.

As atividades esportivas no Canadá durante a Primeira Guerra Mundial receberam, no máximo, atenção intermitente dos historiadores. Estudos recentes sobre as respostas das comunidades à guerra mal tocaram a experiência ampla da vida no front interno, da qual o esporte organizado era uma parte, e se lançam em polêmicas a respeito das estratégias de recrutamento e apoio da população à guerra (GWYN, 1992; KESHEN, 1996; MILLER, 2002; RUTHERDALE, 2004).<sup>49</sup> Não se fez uma análise específica e pormenorizada do esporte durante a guerra. Em vez disso, a maioria dos historiadores que escreveram sobre o esporte usaram a guerra como pouco além de um marco para separar práticas esportivas pré-guerra e pós-guerra. A excelente pesquisa de Morrow e Wamsley (2010), na qual poderíamos esperar encontrar uma descrição mais substancial, apresenta algumas observações importantes dentro dos capítulos temáticos, mas falta-lhe uma visão abrangente sobre a guerra e a experiência do esporte. A síntese mais exaustiva das diversas interações entre esporte e guerra continua situada na introdução do trabalho de Bruce Kidd (1996) sobre o esporte canadense no entreguerras. Kidd nos oferece a visão mais comum do esporte durante a Primeira Guerra Mundial. Ele argumenta que, ao menos no nível institucional nacional, a “guerra interrompeu a maioria das atividades”, na medida em que grande parte das principais organizações esportivas nacionais suspendeu os eventos (p. 37). Devido à sobrerrepresentação de homens de origem britânica no esporte organizado e na primeira onda de alistamentos, muitas equipes e ligas ficaram à míngua de jogadores – o primeiro grande impacto da guerra. Após os verdadeiros horrores da guerra serem revelados na primavera de 1915, com a Segunda Batalha de Ypres, uma posição ideológica ganhou força entre a opinião pública e nas estratégias das campanhas de alistamento, desdenhando o esporte civil como um entrave para o alistamento e uma diversão de luxo inviável em tempo de guerra (p. 38). Esta proibição do esporte, contudo, não foi imposta aos próprios homens alistados. Formaram-se batalhões de esportistas, criaram-se times militares e realizaram-se competições esportivas em uniforme cáqui. No fim, Kidd argumenta, a Primeira Guerra Mundial certamente atrapalhou o esporte no cenário interno, mas, ironicamente, estimulou o crescimento futuro do esporte organizado no Canadá, por meio da grande exposição dos homens em uniforme militar ao esporte.<sup>50</sup>

Se podemos tomar reportagens encontradas na imprensa diária como base para algumas das experiências esportivas durante a guerra, a visão de Kidd a respeito do esporte na guerra se aplica, em linhas gerais, à cidade. Existem, contudo, alguns nuances interessantes no nível local, que complicam esta visão mais geral do esporte no período. Primeiro, como Kidd antecipa, a escassez de atletas foi sentida em muitos esportes

---

<sup>49</sup> Para uma síntese do debate entre Keshen e Miller a respeito dos níveis de conhecimento e apoio público em relação à guerra, ver Keshen (2007).

<sup>50</sup> Para um exame mais profundo do esporte no âmbito da Força Expedicionária Canadense durante a Primeira Guerra Mundial, ver Horrall (2001).

organizados; e em alguns, como remo e futebol, em que a participação britânica era mais forte, isto se deu quase imediatamente.<sup>51</sup> Porém, não vemos muitas reclamações sobre falta de jogadores até o início de 1915, e em algumas modalidades (turfe, tênis, boliche) poucas preocupações foram externadas durante toda a guerra. Segundo, na primavera de 1915, justo quando Kidd e outros sugerem que a gravidade da guerra conduziu a uma proibição de gratificações individuais e entretenimentos frívolos como o esporte, o Vancouver Millionaires da Associação de Hóquei da Costa do Pacífico estava em casa, atraindo públicos numerosos e entusiasmados ao vencer a Stanley Cup contra o time do Ottawa Senators, claramente inferior. A vitória do Millionaires, com o orgulho cívico e auto-congratulação que a acompanharam, parece ter amolecido boa parte do sentimento anti-esporte que poderia haver se enraizado na primavera e no verão de 1915. E à medida que os habitantes de Vancouver se preparavam para a temporada de 1916, havia muita expectativa de uma nova conquista da Stanley Cup.

Ao confuso papel do esporte em Vancouver durante a guerra, somava-se a acomodação que os organizadores do esporte – tanto profissional quanto amador – estabeleceram com as demandas do esforço de guerra. Já no outono de 1914, alguns organizadores buscaram fazer dos eventos esportivos parte integral de atividades que compunham o esforço de guerra, como arrecadação de fundos, alistamento e mobilização civil – na verdade, casando as atividades esportivas com as necessidades de guerra. Começando com um evento equestre para arrecadação de fundos menos de um mês após o início da guerra, os eventos chamados de “Esportes Patrióticos” tornaram-se o destaque do calendário de Vancouver durante a guerra.<sup>52</sup> Outro evento inicial foi a rodada-dupla de lacrosse para arrecadar fundos para a guerra, realizada pelas organizações amadora e profissional de Vancouver e New Westminster em setembro de 1914.<sup>53</sup> Na altura do verão de 1916, os eventos esportivos patrióticos eram grandes, populares e bem organizados e tinham, ao menos, problematizado o argumento de que o esporte e as necessidades da guerra eram incompatíveis. Essa integração entre esporte e práticas da época de guerra foi retratada e estimulada nas páginas de esportes dos jornais de Vancouver. Espalhadas pelas cada vez maiores seções de esportes estavam notícias sobre questões e eventos esportivos internacionais, nacionais e locais, notícias de batalhões

---

<sup>51</sup> Com duas semanas de guerra, as ligas de futebol amador expressaram preocupação com o recrutamento de jogadores. Como o *Province* noticiou em 14 de agosto de 1914, “Devido à guerra, nem o 6º. Regimento nem o Highlanders conseguirão colocar times em campo nesta temporada, enquanto as ligas de New West e North Vancouver provavelmente encerrarão suas atividades pela mesma razão”. Benefit Matinee at Hastings Tomorrow. Vancouver Province, 14 ago. 1914, p. 10.

<sup>52</sup> Five-Cornered Match Race is Scheduled for Saturday. Vancouver Province, 12 ago. 1914, p. 10. Essa corrida de cavalos, organizada pela Vancouver Amateur Driving Association e realizada no Hastings Park, arrecadou dinheiro para o Fundo de Guerra de Vancouver.

<sup>53</sup> Lacrosse Players to Fill War Fund. Vancouver World, 17 set. 1914, p. 4.

entrando e saindo das ligas existentes, reportagens sobre membros de clubes esportivos locais que estavam lutando na Europa e listas e resumos biográficos de atletas – alguns deles locais – mortos em combate. Este casamento de conveniência deu tão certo que o editor de esportes do jornal *Province*, Art Garvey, deu início a sua coluna esportiva popular, “Pela lente do esporte”, no mesmo mês em que as notícias sobre a devastadora mortandade na Batalha do Somme começaram a aparecer na primeira página, no outono de 1916. Garvey usou a coluna para promover a cultura esportiva local e internacional, mas também como um palanque para legitimar a vida esportiva durante a guerra. Como ele escreveu no verão de 1917:

Quando os historiadores do esporte retomarem os trabalhos após o fim das hostilidades na Europa, eles passarão um bom tempo engajados no relato dos feitos dos atletas do mundo e do papel que eles desempenharam na grande luta e na superação do prussianismo. Cada segmento do esporte está representado nos campos de batalha e muitos atos heroicos de atletas foram narrados nos três anos de uma guerra que devastou muitos países europeus. O esporte está pagando um preço alto no conflito de alcance mundial. Estrelas do campo atlético que no passado eletrizaram todo o mundo com suas façanhas esportivas e seu desempenho quebrando recordes tiveram um papel tão importante quanto na guerra.<sup>54</sup>

Em outubro de 1917, Garvey dissertou para os leitores a respeito do esporte ser igualmente importante no *front* interno, apresentando uma lição histórica que destacava o uso do esporte pelos gregos e romanos da antiguidade. Pergunta ele: “Por que”, dada esta tradição ilustre, “abandonar qualquer forma de esporte?” Sempre cuidadoso em distanciar-se dos preguiçosos, Garvey também criticava os dirigentes esportivos e atletas por não contribuírem mais para o esforço de guerra, como fez em abril de 1917 com as organizações de lacrosse do oeste canadense por não entregarem uma parcela maior de seus grandes lucros à Associação Patriótica dos Esportistas e ao Fundo da Cruz Vermelha.<sup>55</sup>

Portanto, o impacto das condições de guerra no esporte organizado foi significativo, mas não se pode defini-lo de forma simples ou clara. Certamente havia pressão para se suspender atividades, por razões tanto práticas como morais, mas também havia impulsos que mantinham e até encorajavam a expansão do esporte organizado para novas áreas. Como resultado, a presença explícita do esporte na mídia de Vancouver de fato expandiu-se, como resposta às demandas do tempo de guerra. Uma parte

---

<sup>54</sup> Art Garvey. Athletic Stars of World Do Their Bit. Vancouver Province, 28 jul. 1917, p. 10.

<sup>55</sup> Art Garvey. Through the Sport Lens. Vancouver Province, 4 abr. 1917, p. 11.

importante desta expansão foi um crescente foco no esporte profissional dos EUA, particularmente o beisebol e o boxe, o que era encorajado pela neutralidade daquele país antes de abril de 1917. Os sentimentos antiesportivos são cruciais aqui. Aproximando-se, em sentido contrário, do contraste criado posteriormente pela proibição do álcool nos EUA, os torcedores de Vancouver encharcaram-se com os eventos esportivos dos EUA num tempo em que constrangimentos morais foram colocados sobre a estrutura e o estilo do esporte no Canadá. O resultado foi uma expansão do voyeurismo consumista e sem culpa do esporte dos EUA.

A chegada de uma dieta regular de distribuição de cartuns esportivos de Robert Ripley ao jornal *Province*, no verão de 1916, ajudou a aumentar a cultura esportiva estadunidense em Vancouver. O *Province* reproduzia uma variedade de cartuns esportivos, incluindo alguns dos EUA, após perder Fitzmaurice para o *Montreal Herald* em 1910. O primeiro cartum de Ripley apareceu no *Province* no verão de 1914 e, depois, esporadicamente ao longo de 1915; contudo, seu trabalho tornou-se o pilar das páginas de esporte do jornal a partir de agosto de 1916 e assim permaneceria até boa parte dos anos 1920. As imagens de Ripley para distribuição foram inteligentemente desenhadas para refletir/promover compreensões genéricas, duradouras e certamente americanas do esporte, e estas estabeleciam um nítido contraste com os cartuns paroquiais de Fitzmaurice. Em essência, os cartuns de Ripley ensinaram aos leitores de Vancouver o que pensar e como pensar sobre esporte.

Robert Ripley, nascido LeRoy Ripley em Santa Rosa, Califórnia, em 1890, começou trabalhando em jornais da área de San Francisco e depois, em 1912, mudou-se para Nova York para progredir na carreira.<sup>56</sup> O considerável talento artístico e um interesse genuíno pelos esportes permitiram a Ripley achar rapidamente trabalho no *The New York Globe and Commercial Advertiser* (ou *The Globe*), um dos dois principais jornais da cidade (Turner, 1999, p. 166-167). Ripley imediatamente tornou-se uma atração regular na seção de esporte do *Globe*, chegando a produzir cinco cartuns esportivos por semana. Localizada no prédio do *Globe* e ligada ao jornal por acordos informais, estava a George Matthew Allan Serviços (GMA), uma empresa de distribuição criada em 1907 por Allan como um canal de distribuição para seus próprios ensaios, que elogiavam as virtudes populares dos EUA da virada do século (HOWLEY, 2007). Em 1910, a distribuição realizada pela GMA continha materiais escritos por diferentes autores e havia se ramificado para os cartuns com tiras distribuídas internacionalmente como “Abe Martin” (de Kin Hubbard), “Tippie and Cap Stubbs” (de Edwina Dumm) e, depois, a paródia “Minute Movies” (de Ed Wheelan). O local de trabalho de Ripley, no *Globe*,

---

<sup>56</sup> Para informações biográficas sobre os primeiros anos de Robert Ripley, ver Considine (1961) e Gaines (2002). Dignos de consulta atenta são os numerosos websites corporativos do Museu Ripley: ver, por exemplo, a biografia do Museu Ripley Acredite se Quiser de São Francisco. Disponível em: <[www.ripleysf.com/ripley/about/about.html](http://www.ripleysf.com/ripley/about/about.html)>. Acesso em 23 nov. 2010.

colocava-o quase literalmente ao alcance da mão do serviço de distribuição e, de fato, seus cartuns esportivos começaram a aparecer em diários em diversas partes dos EUA e do Canadá por volta do início de 1914. LeRoy Ripley tinha 24 anos então. Mas foi só em 1918 que Ripley (*The Globe* mudara seu nome para Robert, alegando que LeRoy não era suficientemente másculo) encontrou casualmente o formato de cartum “Acredite se Quiser” – por muitos anos, um cartum esportivo – que eventualmente tiraria Ripley das imagens puramente esportivas e o levaria a um enorme contrato de distribuição com a King Features (de Hearst), um programa regular de rádio, vários curta-metragens e, no final dos anos 1940, um importante programa de televisão.<sup>57</sup> Após a morte de Ripley, em 1949, suas iniciativas comerciais foram transformadas em uma corporação de entretenimento de enorme sucesso, cujas operações incluem atualmente mais de 60 museus Ripley em 12 países (chamados “*Odditoriums*”<sup>58</sup>), parques de diversão, editora de livros, produção radiofônica e televisiva e um grupo de donos ironicamente controlado pelo bilionário mais conhecido de Vancouver, Jim Pattison.<sup>59</sup>

Na primavera de 1914, contudo, um modesto feito ocorreu: o primeiro cartum esportivo de Ripley, um que promovia uma luta vindoura pelo cinturão dos pesos leves, em Londres, entre Freddie Welsh e Willie Ritchie, apareceu no *Vancouver Province*. O cartum típico de Ripley continha um conjunto de padrões identificáveis em estilo, conteúdo e significado, e esses se destacaram em grande contraste com os cartuns esportivos locais anteriores de James Fitzmaurice. Para começar, a maioria dos cartuns de Ripley enviados para distribuição buscavam informar um amplo leque de leitores, em vez de simplesmente entreter um público local, como fazia a maioria das imagens de Fitzmaurice. Como um artigo ilustrado, o cartum típico de Ripley incluía longos textos de apoio na parte inferior das imagens, como mostra o do exímio rebatedor de Boston, Clarence Kraft (figura 9, próxima página), reproduzido no jornal de Vancouver no verão de 1914.<sup>60</sup> Alguns destes textos superavam 500 palavras, sugerindo que Ripley era tanto um jornalista esportivo quanto um cartunista. Em termos de conteúdo, as imagens de Ripley apresentavam uma visão de esporte mais estreita e limitada do que as escolhas temáticas bastante ecléticas de Fitzmaurice.

---

<sup>57</sup> Para a criação de “Acredite se Quiser”, ver Considine (1961), p. 34-35.

<sup>58</sup> Trocadilho combinando *odd* (algo diferente do normal) e *auditorium* (auditório) (NE).

<sup>59</sup> Para um olhar conciso sobre o império Ripley de entretenimento, ver: Michael Freedman. True Story. Forbes, 3 mar. 2003, p. 159-160. Ver também o site da corporação Ripley em: <<http://www.ripleys.com>>. Acesso em 23 nov. 2010.

<sup>60</sup> Robert Ripley. Vancouver Province, 27 jul. 1914, p. 10.



Figura 9: Robert Ripley. Vancouver Province, 27 jul. 1914, p. 10.

A vasta maioria dos cartuns de Ripley estampados no *Province* lidava com o esporte profissional: Major League Baseball ou boxe. Um olhar sobre seus cartuns originais para o *New York Globe* no mesmo período revela uma variedade maior de assuntos, sugerindo que o editor de esporte do *Province*, Art Garvey, sentia que o beisebol e o boxe – ambos populares entre os entusiastas do esporte em Vancouver – interessariam mais os leitores do que o futebol americano universitário, a luta greco-romana ou o tênis, três assuntos comumente abordados por Ripley no diário nova-iorquino. Contudo, as escolhas de Garvey poderiam ser limitadas, de qualquer forma: a George Matthew Allan Serviços teria escolhido para distribuição as imagens com maior apelo nacional e genérico, como as de beisebol e boxe, e colocaria de lado cartuns relevantes apenas para os residentes da cidade de Nova York. Em todo caso, por meio dos cartuns de Ripley, os leitores de esporte de Vancouver

eram alimentados com uma dieta regular de notícias de beisebol e boxe num formato visual de fácil consumo, sugerindo uma obsessão internacional com a vida no diamante<sup>61</sup> e no ringue. Por mais genéricas e bem escolhidas para consumo local que fossem as imagens de Ripley, elas às vezes não conseguiam esconder sua perspectiva nova-iorquina. Às vezes isto era explícito, como no cartum de 1916 anunciando a chegada a Nova York do campeão australiano dos pesos-médios, Les Darcy, para realizar algumas lutas.<sup>62</sup> Darcy já era uma figura controversa quando chegou a Nova York, tendo deixado a Austrália na véspera da data limite para se apresentar às forças armadas, supostamente para escapar do alistamento obrigatório. Apelidado de “Aussie negligente” e recebendo frequentes recusas para lutar nos EUA, Darcy tornou-se um personagem importante do noticiário esportivo durante a guerra no mundo anglófono, como documentou Ripley em várias imagens, até o boxeador morrer subitamente devido a complicações causadas por uma amigdalite, enquanto ainda buscava lutas nos Estados Unidos em maio de 1917 (MOORE e PHILLIPS, 1996).<sup>63</sup> Cerca de um ano depois, Ripley também dedicou a uma luta no Madison Square Garden um combate de luta greco-romana entre Stanislaus Zbyszko e John Olin, informando os horários e locais de treino de ambos os lutadores na cidade.<sup>64</sup> Os cartuns de beisebol de Ripley, particularmente aqueles que destacavam jogadores específicos, tinham como foco os três times de beisebol da área da cidade de Nova York – Yankees, Giants e Dodgers. Consequentemente, os leitores de Vancouver compartilhavam as façanhas dos arremessadores do Giants, Ferdie Schupp (que ganharia 21 jogos em 1917) e “Navio a Vapor Al” Demaree (um destro muito veloz que teve dificuldade para vencer quatro), do Giants, e o exímio rebatedor Walter “Pickler” Pipp, que liderou a American League em *home runs* naquele ano.<sup>65</sup> Em 1918, foram servidas aos leitores da Costa Oeste várias caricaturas sem-graça do veterano segunda base do Giants, “Larry Risadinha” Doyle, que, aparentemente, “tirou um pé da cova” e o outro “de uma casca de banana” para, afinal, tornar-se uma ameaça séria como rebatedor.<sup>66</sup>

Num esforço para minimizar tais referências à área de Nova York e tornar o conteúdo mais relevante para os leitores locais, os textos que acompanhavam as imagens de Ripley frequentemente eram editados, ou até reescritos pelos editores locais. Uma comparação entre cartuns originalmente publicados no *The New York Globe* com aqueles escolhidos pelo *Vancouver Province* nos permite compreender alguns elementos da

<sup>61</sup> Como o campo de beisebol é chamado nos EUA e Canadá (NE).

<sup>62</sup> Robert Ripley. *Vancouver Province*, 8 dez. 1916, p. 10.

<sup>63</sup> Ver também W.G. McMinn. Darcy, James Leslie (Les) (1895-1917). *Australian Dictionary of Biography*, vol. 8, p. 206-207. Disponível em: <<http://www.adb.online.anu.edu.au/biogs/A080229b.htm>>. Acesso em 23 nov. 2010.

<sup>64</sup> Robert Ripley. *Vancouver Province*, 29 jan. 1918, p. 10.

<sup>65</sup> Robert Ripley. *Vancouver Province*, 6 jul. 1917, p. 10 e 16 jul. 1917, p. 10.

<sup>66</sup> Robert Ripley. *Vancouver Province*, 7 mai. 1918, p. 10.

transmissão da cultura esportiva por meio do processo de distribuição.<sup>67</sup> Por exemplo, um cartum de boxe de Ripley, intitulado “As Estrelas do Meio-Médio”, que catalogava os diversos contendores do cinturão dos pesos meio-médio, foi originalmente publicado no *New York Globe* em 13 de novembro de 1916. O mesmo cartum aparece no *Vancouver Province* 10 dias depois, com os mesmos desenhos, mas um texto truncado em que falta o parágrafo final do original, destacando as relações existentes em Nova York entre os lutadores e o apelo de Ripley a promotores locais de Gotham<sup>68</sup> para realizarem um torneio de meio-médios na cidade.<sup>69</sup> Outra imagem de boxe, esta da promessa dos pesos-leves do Brooklyn, Eddie Wallace, aparece no *Province* duas semanas após a publicação original no *Globe*, com um texto completamente modificado e reestruturado para generalizar as informações, de maneira a tanto explicar quanto minimizar referências paroquiais à cena das lutas nova-iorquinas.<sup>70</sup> Às vezes, os editores do *Province* alteravam os cartuns de Ripley de forma ainda mais substancial. Por exemplo, um cartum sobre o desafiante dos pesos-leves, Cline “Pele Irlandês”, intitulado “O Último Desafiante dos Pesos-Leve de Nova York”, de 3 de novembro de 1916, aparece no diário de Vancouver mais de um ano depois, como “Após o Título Mundial”.<sup>71</sup> O texto deste cartum foi reescrito na totalidade, presumidamente por Gravey, para evitar os detalhes a respeito do boxe nova-iorquino e torná-lo atual. É razoável dizer que as regras em torno do uso de materiais distribuídos eram flexíveis; tanto imagem quanto texto estavam abertos à manipulação pelos assinantes locais, de forma a satisfazer suas necessidades. Em numerosas ocasiões, partes indesejadas das imagens de Ripley foram recortadas e textos inteiramente novos foram escritos para acompanhar cartuns que não haviam sido desenhados para ilustrar as palavras abaixo deles. O mundo do esporte era um negócio colaborativo.

---

<sup>67</sup> Para uma análise da emergência e dos estágios iniciais de crescimento da distribuição de imagens de jornais, ver Gordon (1998, p. 37-43). Para uma discussão mais ampla dos primórdios da distribuição para impressos, ver Mott (1950, p. 593-609).

<sup>68</sup> Segundo o MacMillan Dictionary, “um nome informal para a cidade de Nova York” (NE). Disponível em: <<http://www.macmillandictionary.com>>.

<sup>69</sup> *New York Globe and Commercial Advertiser*, 13 nov. 1916; Robert Ripley, *Vancouver Province*, 23 nov. 1916, p. 10.

<sup>70</sup> *New York Globe and Commercial Advertiser*, 7 dez. 1916; Robert Ripley, *Vancouver Province*, 19 dez. 1916, p. 10.

<sup>71</sup> *New York Globe and Commercial Advertiser*, 3 nov. 1916; Robert Ripley, *Vancouver Province*, 15 dez. 1917, p. 10.

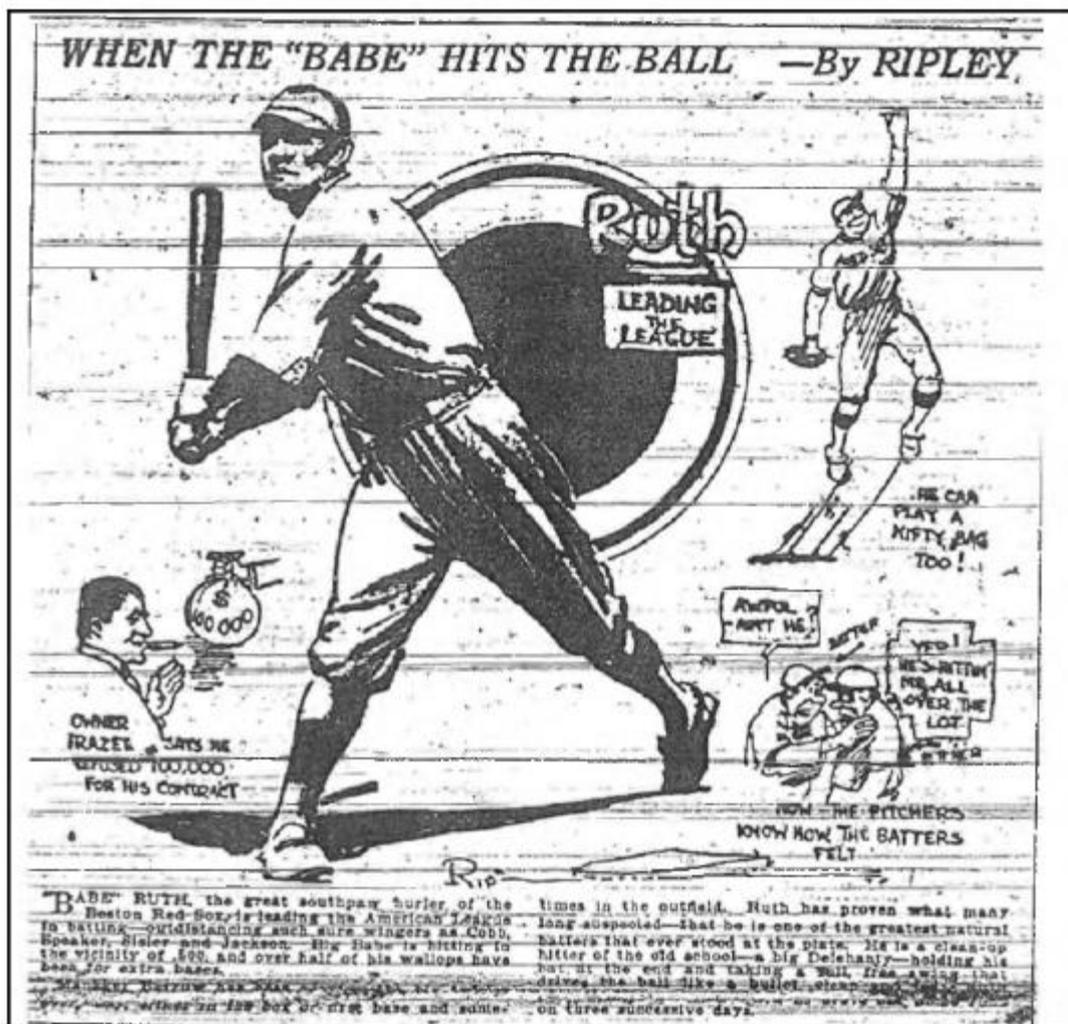


Figura 10: Robert Ripley. *Vancouver Province*, 23 mai. 1918, p. 10.

Se a qualidade de serem genéricos, ainda que modificados, permitiu aos cartuns esportivos de Ripley se tornarem um sucesso de distribuição, sua abordagem idealista do esporte e do atleta profissional ajudou a mitificar certas modalidades, tornar ídolos os atletas que retratava, e reforçar uma hierarquia no interior do mundo do esporte. Como demonstra o cartum sobre Babe Ruth (figura 10, acima), o cartum típico de Ripley era composto de diversas partes previsíveis: uma caracterização central dramática do jogador, desenhada em perspectiva com bastante preto; diversos desenhos coadjuvantes na periferia, geralmente feitos em estilo de quadrinhos; um longo texto informativo na parte inferior; e um título.<sup>72</sup> Cada parte contribuía para o objetivo central de acentuar o valor e o caráter heroico do(s) jogador(es). A caracterização principal, ao centro, era crucial para alcançar este efeito. Estes personagens, desenhados em estilo realista, com uma linha preta grossa, e fazendo uma pose dramática, eram apresentados como paradigmas da

<sup>72</sup> Robert Ripley. *Vancouver Province*, 23 mai. 1918, p. 10.

excelência esportiva, e os desenhos buscavam alçar o protagonista e suas proezas esportivas a níveis heroicos. Separando-se do estilo realista do personagem central, os desenhos coadjuvantes em estilo de quadrinhos em torno da figura central apresentavam outras evidências da importância do personagem, às vezes com humor, às vezes não. Na verdade, os cartuns de Ripley não tinham a intenção de fazer brincadeiras com o esporte, como os de Fitzmaurice tão comumente faziam; em vez disso, seu propósito era legitimar a importância do esporte profissional de ponta. Quando somamos as extensas evidências textuais para apoiar os argumentos gráficos acima delas e um título que assevera o argumento central que está sendo apresentado, o resultado era um dispositivo retórico poderoso e autorizado que fazia todo o restante da cobertura jornalística do esporte, até as fotografias, parecerem pálidos, desinteressantes, sem vida.



Figura 11: Robert Ripley.  
*Vancouver Province*, 8 mar. 1918,  
p. 10.

Os cartuns de Ripley faziam mais do que simplesmente idolatrar personalidades do esporte profissional de alto nível: também construíam uma tradição histórica para elas. Ripley promovia um forte conjunto de conexões entre passado, presente e futuro, o que sugeria aos leitores um mundo do esporte profissional de alto nível baseado numa história de costumes comuns e feitos duradouros. Nenhum astro do esporte ficava sem uma conexão com o passado comum. O promissor Jack Dempsey, num cartum de 1918, intitulado “O Novo Insuperável” (figura 11, página anterior), tinha uma “esquerda como a de Corbett”, usava a “troca de

base de Ketchel” e aparentemente tinha o mesmo perfil de Jim Jeffries, todas essas alegações sustentadas por ilustrações em quadrinhos.<sup>73</sup> A história pode ser encontrada ao longo de todo o trabalho de Ripley, mas era particularmente evidente em seus cartuns com *montagem temática*, nas imagens múltiplas e nos textos que focavam um aspecto comum da prática ou dos feitos esportivos, em vez de num atleta ou evento específico – cartuns que, após a guerra, eventualmente se desenvolveriam para o formato “Acredite Se Quiser”. Um dos primeiros deste tipo vistos pelos leitores de Vancouver foi “O Homem de Ferro”, uma composição sobre corridas de longa distância que apresentava o então maratonista Sidney Hatch à frente de fundistas do passado recente.<sup>74</sup> O observador aprende a linha histórica que conecta os corredores de longa distância ao longo do tempo. Outra imagem (figura 12, página seguinte), esta sobre recordes da caminhada competitiva, apresenta o canadense George Goulding, então campeão mundial dos pedestres, em meio a famosos caminhantes pioneiros do século XIX.<sup>75</sup> Um tema que Ripley usou com frequência nas montagens foram os atletas veteranos. Esses cartuns geralmente apresentavam diversas personalidades esportivas que, apesar da idade avançada, continuavam competindo em suas modalidades; por sua própria natureza, os cartuns “Pai Tempo” sugeriam a continuidade e durabilidade da prática esportiva. Em um apropriadamente distribuído para publicação próximo ao Ano Novo de 1917, Ripley escreve que o “Pai Tempo foi tratado com grande desrespeito por um conjunto de atletas”, e “Papai Tempo” concorda: “Eles não têm respeito algum pela idade avançada”.<sup>76</sup> Por mais que a Ripley Entertainment goste de enfatizar o momento fortuito e acidental em que o conceito de “Acredite Se Quiser” foi criado, em 1918, o formato de montagem temática, com sua forte abordagem histórica, estava evidente anos antes. “Recordes Incomuns” (figura 13, p. 38), publicado no inverno de 1916, poderia perfeitamente caber na série “Acredite Se Quiser”, distribuída internacionalmente nos anos 1920; tal abordagem era marcada pelas conexões históricas que ligavam atletas de ponta uns aos outros e aos esforços de atletas similares da mesma época, enquanto os separavam dos seus *lôcus*.<sup>77</sup>

---

<sup>73</sup> Robert Ripley. *Vancouver Province*, 8 mar. 1918, p. 10.0

<sup>74</sup> Robert Ripley. *Vancouver Province*, 28 out. 1916, p. 14.

<sup>75</sup> Robert Ripley. *Vancouver Province*, 20 set. 1917, p. 12.

<sup>76</sup> Robert Ripley. *Vancouver Province*, 2 jan. 1917, p. 10.

<sup>77</sup> Robert Ripley. *Vancouver Province*, 23 dez. 1916, p. 10.



Figura 12: Robert Ripley. *Vancouver Province*, 20 set. 1917, p. 12.

O mundo do esporte construído graficamente pelos cartuns de Ripley produziu um impacto significativo na cultura da mídia esportiva em Vancouver. Essa comunidade profissional de ponta, constituída em sua maioria por personagens estadunidenses com ligações com as vidas e feitos de heróis do passado, moldou o consumo da cultura esportiva em Vancouver. É provável, por exemplo, que por volta do final da guerra, a hierarquização entre esporte local e o mundo do esporte tenha se tornado acentuada e mesmo inquestionável, à medida em que ampliou-se a separação entre a cultura esportiva local refletida pelas imagens leves e bem-humoradas de Fitzgerald e o muito mais sério mundo do esporte refletido por Ripley. Não havia dúvida sobre o que era mais importante. Em resposta à popularidade e poder de Ripley, artistas locais começaram a imitar seu o estilo nas ilustrações sobre as figuras de destaque e os eventos esportivos locais. Até Fitzmaurice produziu imitações. Um cartum sobre o organizador do futebol local e presidente da União Atlética Amadora, Dave Leith, copia sem pudor a estrutura de Ripley, com um croqui de Leith de perfil, como figura de honra central, cercado de imagens menores em quadrinhos e uma descrição de 300 palavras na parte inferior – escrita pelo editor de esportes, Garvey, e não por

Fitzmaurice.<sup>78</sup> Na primavera de 1918, Fitzmaurice usou de novo o conhecido estilo Ripley numa ilustração do astro do hóquei Fred Cyclone Taylor.<sup>79</sup> Estas imagens eram claras tentativas de estabelecer os esportistas locais de destaque como estrelas por si mesmas, e o uso da estrutura de Ripley foi reconhecido como a maneira apropriada de fazê-lo. Dito isso, mesmo tais imagens de Fitzmaurice continham um tom de gozação que minava as tentativas de colocar indivíduos em um pedestal esportivo – Fitz não levava o esporte tão a sério.



Figura 13: Robert Ripley. *Vancouver Province*, 23 dez. 1916, p. 10.

Ao final da Primeira Guerra Mundial, Ripley e o universo do esporte de alto rendimento internacional que construíra estavam solidamente estabelecidos como o comunicador central da cobertura esportiva em Vancouver. Fitzmaurice continuou a desenhar cartuns ocasionais para as páginas de esportes, mas seu estilo – informal e baseado em humor, não na promoção do esporte – não se adequava ao trabalho sério sobre o esporte no pós-guerra. Não se deve exagerar a importância da substituição de Fitzmaurice pelos cartuns de Ripley. Outrossim,

<sup>78</sup> J.B. Fitzmaurice. *Vancouver Province*, 23 jul. 1917, p. 12.

<sup>79</sup> J.B. Fitzmaurice. *Vancouver Province*, 7 mar. 1918, p. 10.

consequências mais amplas vêm à tona. A chegada das imagens por meio da distribuição trouxe o enfraquecimento do dinamismo formador da cultura local; embora, até certo ponto, tenham sido sempre uma derivação, os esportes locais seriam julgados não mais de acordo com as necessidades, objetivos e condições locais, mas em relação ao padrão internacional – tão graficamente ilustrado pelas imagens de Ripley. À medida que os anos 1920 se desenrolaram, e a influência de Robert Ripley alcançou níveis ainda mais altos, a “Era de Ouro do Esporte” nos EUA moldaria o significado popular e o consumo do esporte muito além de suas fronteiras.

Como uma nota final sobre a utilidade dos cartuns esportivos, há anos os historiadores se voltam para a imprensa popular como uma fonte necessária para reconstruir práticas esportivas do passado, mas com menos frequência os pesquisadores dedicam sua atenção para as imagens que acompanharam as descrições textuais. Contudo, os cartuns esportivos podem oferecer aos historiadores grandes oportunidades de análise e interpretação. Num certo nível, estas imagens – sendo intencionais ou não – constituem uma reflexão profícua sobre as práticas e eventos esportivos concretos, como certamente é verdade com o cartunista local, como Fitzmaurice, e com o produtor de imagens internacional, como Robert Ripley. Os cartuns esportivos tiveram um papel formativo no desenvolvimento do esporte ao apresentarem às audiências locais os emergentes significados do esporte globalizado, comercial e profissional. O trabalho dos historiadores do esporte ganhará muito ao levar essas imagens a sério.

## Referências

ANDERSON, Kay J. *Vancouver's Chinatown: Racial Discourse in Canada, 1875-1980*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1991.

ANDERSON, Robin. The British Columbia View of Cartoonist J. B. Fitzmaurice, 1908-1909. *Journal of Canadian Studies*, 42, p. 23-58, 2008.

BRIGGS, Claire A. *Golf: The Book of a Thousand Chuckles*. Chicago: P.F. Volland & Co, 1916.

BYRNES, Gene. *A Complete Guide to Professional Cartooning*. New York: Grosset and Dunlap, 1950.

CONSIDINE, Bob. *Ripley: The Modern Marco Polo*. New York: Doubleday, 1961.

FISCHER, Roger A. *Them Damned Pictures: Explorations in American Political Cartoon Art*. North Haven, Conn.: Archon, 1996.

GAINES, Jane M. Everyday Strangeness: Robert Ripley's International Oddities as Documentary Attractions. *New Literary History*, v. 33, p. 781-801, 2002.

GORDON, Ian. *Comic Strips and Commercial Culture, 1890-1945*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 1998.

GWYN, Sandra. *Tapestry of War: A Private View of Canadians in the Great War*. Toronto: Harper Collins, 1992.

HEWITT, WA. *Down the Stretch: Recollections of a Pioneer Sportsman and Journalist*. Toronto: Ryerson Press, 1958.

HORRALL, Andrew. 'Keep-a-Fighting! Play the Game!' Baseball and the Canadian Forces during the First World War. *Canadian Military History*, v. 10, p. 27-40, 2001.

HOWLEY, Kevin. 'It's almost got so you can't speak th' truth without comitin' an indiscretion': Abe Martin and American cartoon humor. *Soundscapes: Journal on Media Culture*, v. 9, 2007. Disponível em: <[http://www.icce.rug.nl/~soundscapes/VOLUME09/Abe\\_Martin.shtml](http://www.icce.rug.nl/~soundscapes/VOLUME09/Abe_Martin.shtml)>. Acesso em 10 jul. 2008.

HUOT, Leland; POWERS, Alfred. *Homer Davenport of Silverton: The Life of a Great Cartoonist*. Bingen, Wash.: West Shore Press, 1973.

KESHEN, Jeff. *Propaganda during Canada's Great War*. Edmonton: University of Alberta Press, 1996.

KESHEN, Jeff. Words as Weapons: Ottawa Newspapers Fight the First World War. In: KESHEN, Jeffrey A.; DURFLINGER, Serge Marc (ed.). *War and Society in Post-Confederation Canada*. Toronto: Nelson, 2007, p. 78-92.

KIDD, Bruce. *The Struggle for Canadian Sport*. Toronto: University of Toronto Press, 1996.

LANSLEY, Keith L. The Amateur Athletic Union of Canada and Changing Concepts of Amateurism. Ph.D diss., University of Alberta, 1971.

LORENZ, Stacy L. A Lively Interest on the Prairies: Western Canada, the Mass Media, and a World of Sport, 1870-1939. *Journal of Sport History*, v. 27, p. 195-228, 2000.

LORENZ, Stacy L. In the Field of Sport at Home and Abroad. *Sport History Review*, v. 34, p. 146-154, 2003.

MCDONALD, Robert A.J. *Making Vancouver: Class, Status, and Social Boundaries, 1863-1913*. Vancouver: University of British Columbia Press, 1996.

MILLER, Ian H.M. *Our Glory and Our Grief: Torontonians and the Great War*. Toronto: University of Toronto Press, 2002.

MILLER, Worth Robert. Educating the Masses: Cartoons from the Populist Press of the 1890s. *American Nineteenth Century History*, v. 4, p. 104-118, 2003.

MOORE, Katharine; PHILLIPS, Murray G. From Adulation to Persecution and Back: Australian Boxer Les Darcy in America, 1916-1917. *Journal of Sport History*, v. 23, p. 140-156, 1996.

MORROW, Don; WAMSLEY Kevin B. *Sport in Canada: A History*. Toronto: Oxford UP, 2010.

MORROW, Don; WAMSLEY, Kevin B. *Sport in Canada: A History*. Toronto: Oxford University Press, 2005.

MOTT, Frank Luther. *American Journalism: A History of Newspapers in the United States through 260 Years: 1690 to 1950*. New York: Macmillan, 1950.

ORIARD, Michael. *Reading Football: How the Popular Press Created an American Spectacle*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1991.

ROBERTS, Randy. *Papa Jack: Jack Johnson and the Era of White Hopes*. New York: Free Press, 1983.

ROBERTS, Randy. Year of the Comet: Jack Johnson versus Jim Jeffries, July 4, 1910. In: MILLER, Patrick B.; WIGGINS, David K. (ed.). *Sport and the Color Line: Black Athletes and Race Relations in Twentieth-Century America*. New York: Routledge, 2003, p. 45-62.

ROY, Patricia E. *A White Mans Province: British Columbia Politicians and Chinese and Japanese Immigrants, 1858-1914*. Vancouver: University of British Columbia Press, 1989.

RUTHERDALE, Robert. *Hometown Horizons: Local Responses to Canada's Great War*. Vancouver: University of British Columbia Press, 2004.

SCHRODT, Barbara. Sabbatarianism and Sport in Canadian Society. *Journal of Sport History*, v. 4, p. 22-33, 1977.

TURNER, Hy B. *When Giants Ruled: The Story of Park Row, New York's Great Newspaper Street*. New York: Fordham UP, 1999.

WARD, Geoffrey C. *Unforgivable Blackness: The Rise and Fall of Jack Johnson*. New York: Alfred A. Knopf, 2005.

WIGGINS JR., William H. Boxing's Sambo Twins: Racial Stereotypes in Jack Johnson and Joe Louis Newspaper Cartoons, 1908-1938. *Journal of Sport History*, v. 15, p. 242-254, 1988.

Recebido em 30 de setembro de 2015

Aceito em 27 de novembro de 2015